



REVISTA DE HISTORIA E DE ARTE

Editor-Director AFFONSO DE DORNELLAS
Palacio da Rocha do Conde d'Obidos — LISBOA



Composto e impresso no
CENTRO TIP. COLONIAL — L. d'Abegoaria, 27

I VOLUME — AGOSTO — 1928 — NUMERO VIII

HERALDICA DE DOMINIO

ARMAS DE PALMELLA

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas á Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos, e approved em sessão de 14 de Dezembro de 1927.

Antiquissima Villa de Palmella, desejando definir qual das armas que lhe são attribuidas, são as que mais se condunam com a sua historia, enviou á Associação dos Archeologos o seguinte officio :

Camara Municipal de Palmella — Secretaria. N.º 199. — Ex.º Sr. Presidente da Associação dos Archeologos Portuguezes. Lisboa. Ex.º Sr. Desejando esta Camara conhecer com rigorosa precisão o modelo e breve descrição do brazão deste concelho, muito nos obsequiava V. Ex.ª se nos podesse elucidar sobre este caso. Temos diversos desenhos, diferentes e não sabemos qual está certo ou mesmo se todos estão deturpados. Por isto e para corrigirmos os nossos sellos e carimbos desejavamos conhecer o modelo official. Saude e Fraternidade. Palmella, aos 18 de Outubro de 1927. O Presidente da Comissão Administrativa Municipal (a) Joaquim José de Carvalho. —

De facto as armas de Palmella, teem variado principalmente na disposição das peças que as compõem. Vejamos os principaes estudiosos no assumpto :

— Rodrigo Mendes da Silva na sua «Poblacion General de Hespanha, sus tropheos, blasones, etc. Madrid,

1654, diz sobre Palmella : — por armas uma palma assida con mano de hombre entre dos castillos : a cada lado del escudo, habito, y venera de Santhiago, timbrado de las Reales Quinas Portuguezas. —

Refere-se Rodrigo Mendes da Silva, como muitos escriptores a que o nome Palmella vem do Governador Romano em Hespanha pelos annos 106, Aulo Cornelio Palma, pois que Palmella quer dizer palma pequena.

No archivo da Camara Municipal de Lisboa, no processo referente á tentativa de organização d'uma obra das armas das Cidades e Villas de Portugal, encontro o seguinte officio :

Palmella. — Illmº e Ex.º Sr. Ayres de Sá Nogueira. — Tive a honra de receber a muito estimada carta de V. Ex.ª datada de 25 de Setembro ultimo a qual me foi entregue pelo correio no dia 12 do presente mez. — Na indicada carta diz V. Ex.ª que a collecção das Armas de todos os Municipios deste Reino e seus dominios acompanhada da historia respectiva a cada uma dellas, será verdadeiramente um monumento nacional de grande valia ; e que a Ex.ª Camara Municipal de Lisboa tentando levar a effeito a projectada Collecção deseja ser coadjuvada por aquelles esclarecimentos que cada hum dos Municipios do Reino e das Provincias Ultra-Marinhas poder dar na parte que lhes respeita. — Apresentando, portanto, á Camara Municipal deste grande, populoso e antigo Concelho a muito attenciosa Carta de V. Ex.ª gostosamente e da melhor vontade anuo a tão honroso como lisongeiro Convite, desejando partilhar simultaneamente com a Ex.ª Camara Municipal de Lisboa a gloria de fazer abrilhantar aquella Obra de tal elevado e subido merecimento, collocando o antiquissimo Brazão d'Armas de Palmella no distincto logar

que sempre occupou e mereceo entre os Brazões dos differentes Concelhos do Reino. Para dar pois huma ideia exacta da nobreza e antiguidade deste Concelho de Palmella, determinou a Camara da Minha Presidencia, que eu, da sua parte, offercesse á Ex.^{ma} Camara da Capital a memoria e esclarecimentos seguintes.—Quasi 22 seculos contemplão o nobre e antiquissimo Concelho de Palmella. A sua consideração e nobreza datão desde a sua fundação pelos Celtas e



Sello de Palmella segundo este parecer

Sarrios, de Nação Franceza, trezentos e dez annos antes da vinda de Jesus Christo ao Mundo: A sua posição thopographica lhe deo o pleno dominio de toda a Peninsula circumscripta pelas margens divisorias da esquerda do Tejo; e direita do Sado. Tal foi a distincta consideração que antigamente mereceo, que Aulo Cornelio Palma Pretor Romano, que a governava no anno 106 da era Christam, a amplificou e enobreceo dando-lhe o seo apelido por Nome, e Arma qua ainda hoje existem, consistindo em huma Palma sustentada pela mão e braço de hum homem entre dois Castellos ou baluartes mas depois da Gloriosa Conquista do Immortal Rey o Snr. D. Afonso Henriques, foram aquellas primitivas Armas adicionadas e timbradas com a Coroa de Portugal, e a cada lado do Escudo das Armas, a Espada ou Habito de S. Thiago: São concordes na tradição os historiadores Florião do Campo, Poca e Caribay. Desde a fundação da Monarchia Portugueza athé ao presente não houve alteração para mais ou menos no Escudo e Brazão d'Armas deste Concelho, cuja respeitavel antiguidade de posição, e Castello lhe derão trez logares distinctos; na historia, no mappa, e assento nas antigas Cortes no Banco N.º 13.—Estes são os esclarecimentos tradicionais; que a Camara Municipal de Palmella manda de bom grado offerceer á Ex.^{ma} Camara de Lisboa sobre o assumpto da mui grata e attenciosa Carta de V. Ex.^a que por esta vai respondida; e se em alguma outra coisa, ou negocio mais, esta Camara possa ser prestavel, pode V. Ex. fazer certo á Ex.^{ma} Camara da Capital, que os seos preceitos, determinações e exigencias, serão invariavelmente huma lei expressa para a Camara Municipal deste Concelho de Palmella que será religiosamente cumprida.— Por esta occasião peço a V. Ex.^a se digne aceitar os firmes protestos da minha constante estima, e subida consideração, permitindo-me a lisongeira vaidade de assinar-me respeitosa-mente.— De V. Ex.^a—III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Ayres de Sá Nogueira. — Mt.º Att. Venr. e Obg.º—(a) João José Salgado, Presidente da Camara Municipal.— Palmella 20 de Outubro de 1855.—

A seguir, por ordem chronologica, temos Ignacio de Vilhena Barbosa, na sua obra «As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza que teem Brazão d'Armas», Lisboa, 1865, que sobre as armas de Palmella nos diz:

— Em campo vermelho um braço de homem sustentando uma palma, entre dois Castellos; a cada lado

do escudo o habito de Santhiago e por timbre as quinas reaes de Portugal.—

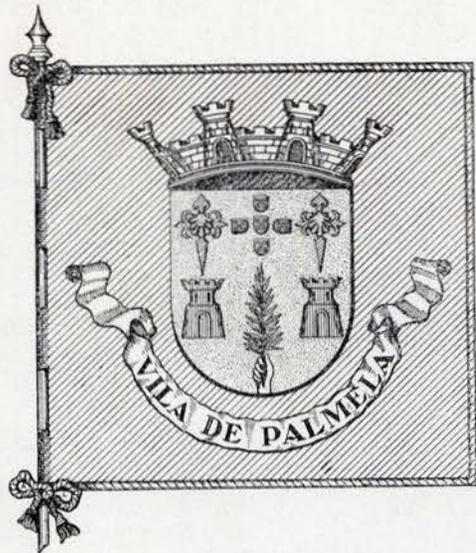
Em todo o caso o desenho que este auctor inclue diz que é como está na Torre do Tombo, não sendo igual a descripção.

Ignacio de Vilhena Barbosa para a construcção da obra citada, guiou-se principalmente por um livro que existe na Torre do Tombo onde o Rei d'Armas India, Francisco Coelho, por sua curiosidade, desenhou muitas vezes as maiores calamidades herallicas que se possam imaginar.

Este livro que fazia parte da Bibliotheca de Alcobaca, veio para a Torre do Tombo, não porque fosse um livro official ou cujo contheudo estabelecesse norma, mas simplesmente porque encerrado o Convento de Alcobaca e deslocada a sua Bibliotheca, tinha aquelle livro que ir para algum sitio.

Calhou ir para a Torre do Tombo e portanto, cita-se como se fosse uma verdadeira lei, pela razão simples de que na Torre de Tombo estão archivados os documentos officiaes.

As Armas de Palmella que Ignacio Vilhena Barbosa desenhou na sua obra, não dizem com a descripção acima, mas sim com o espirito inventivo de Francisco Coelho.



Bandeira de Palmella com as cores indicadas herallicamente

Vejamos como alli apparecem:

— De vermelho com uma palmeira sahindo d'um terrado tendo ao lado um braço vestido de azul sahinte tambem do terrado tocando a mão a meia altura do tronco da palmeira que é acompanhada de duas torres de prata. Em chefe de purpura, uma cruz de Santhiago de prata acompanhada por duas vieiras do mesmo metal.—

N'uma collecção de cartões muito conhecida, com as armas das Cidades e Villas, apparecem as armas de Palmella, de purpura com um braço de carnação segurando uma palma de verde, acompanhada de duas torres de ouro encimadas por duas cruzes de Santhiago de vermelho carregadas cada uma com uma cruz de prata. Estas armas são encimadas pelas armas nacionaes com coroa Real.

A secção de Heraldica de Associação dos Archeologos Portuguezes, deve aconselhar Palmella a que adopte as mais antigas, aquellas que descreve Rodrigo Mendes da Silva, pois são essas que mais condizem com a historia de Palmella, e que pela sua admiravel composição nos mostram bem que foram organizadas dentro das boas regras da heraldica de dominio.

Vamos portanto analizar os motivos da existencia



Bandeira e armas da Villa de Palmella

Estes differentes specimens andam em volta da descripção de Rodrigo Mendes da Silva, que é a mais antiga pois data de 1645.

Actualmente Palmella, uza outra variante :

— Uma palmeira arrancada e sustida por uma mão, acompanhada por duas cruzes de Santhiago, por duas vieiras e por duas torres. O escudo encimado por um elmo de Cavalleiro. —

das peças heraldicas das mesmas armas, pondo de parte a ideia de que foi o tal Aulo Cornelio Palma que deu o nome á terra.

D. Affonso Henriques tomou aos mouros aquelle alto fortificado que deu aos Cavalleiro de S. Thiago para o guardarem, como premio de terem vindo da Galiza para o auxiliarem na tomada de Santarem.

Os Cavalleiros que ficaram residindo em Portugal nas terras que lhe foram dadas como premio por D. Affonso

Henriques, ficaram sujeitos ao Mestrado de Galiza até á Bula do Papa Nicolau VI datada de 1288 em que se effectuou a separação, ficando os Cavalleiros residentes em Portugal constituindo uma Ordem Portugueza.

Em 1423, D. João I ordenou que a Cabeça da Ordem, fosse em Palmella.

Temos portanto que Palmella foi por doação, habi-



Sello de Alcanede segundo parecer respectivo

tada por Cavalleiros da Ordem de Santhiago que vieram da Galiza.

Vejamos agora o que encontrei no Elucidario de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. Lisboa, 1798.

— *Palmeiro, ou Palmeirim.* Peregrino, ou estrangeiro, que na infima Latinidade se disse *Palmaris, Palmatos, ou Palmaris.* E d'aqui nasceu chamar-se Palmar, o que era peregrino, estrangeiro, e de fóra do Paiz. De trazerem os Peregrinos da Terra Santa hum ramo de palma, quando se recolhio á sua Patria, em signal de terem acabado a sua Peregrinação, ou Romaria, se lhes grangeou o nome de *Palmeiros.* No Porto, e Lisboa havia hospitaes dos *Palmeiros,* onde se recolhiam os peregrinos.—

Portanto aquelles Cavalleiros de S. Thiago que vieram da Galiza em peregrinação para auxilliarem D. Affonso Henriques na tomada de Santarem eram palmeiros ou palmeirins, pois eram estrangeiros.

Depois, quando regressavam a Palmella, vindo das suas missões de combater infeis, traziam a palma da gloria que tambem era do martyrio.

E' portanto uma palma segura por uma mão, para indicar bem a significação acima, que deve figurar nas armas de Palmella, como já figurava em 1645 como nos diz Rodrigo Mendes da Silva.

Com referencia ás veneras que o mesmo auctor diz, ou podem ser representadas por vieiras (conchas), como apparece em varios desenhos das armas de Palmella, ou representadas por cruces como apparece na collecção anonyma dos Cartões das Armas das Cidades e das Villas e que devia ter sido feita em meados do seculo passado.

Nas armas de Palmella estamos convencidos que as veneras são as vieiras, insignia de romeiros ou peregrinos, collocadas sobre o cruzamento da Cruz de Santhiago.

O escudete a que Rodrigo Mendes da Silva se refere não é para collocar como timbre sobre o escudo das armas, é para collocar em lugar d'honra, em chefe. Este thermo «timbrado», foi applicado no sentido de marcar as armas de Palmella com o escudete portuguez e não de encimar as mesmas armas com o escudete das quinas.

As Armas de Dominio não tem timbre, os timbres, são para as Armas de Familia, são para serem uzados sobre os elmos dos cavalleiros.

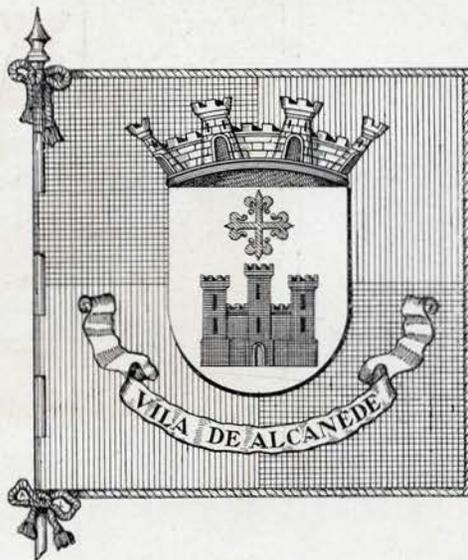
Vejamos portanto como esmaltar as armas de Palmella:

— *De ouro com uma mão de carnação movente do pé do escudo, segurando uma palma de verde ácompanhada de duas torres de vermelho. Em chefe as quinas de Portugal antigo, acompanhadas de cruces de S. Thiago de purpura, carregadas de vieiras d'ouro.*

— *Coroa de 4 torres de prata.*

— *Bandeira de purpura. Por debaixo das armas uma fita branca com letras pretas.*

Proponho que o campo seja de ouro porque este metal em heraldica significa nobreza, fé, fidelidade, constancia e poder, características monumentaes da Ordem de S. Thiago que teve alli a sua séde.



Bandeira de Alcanede com as cores indicadas heraldicamente

Proponho que as torres sejam de vermelho porque este esmalte significa victorias, ardis e guerras, portanto é ainda dentro da historia de Palmella que estas circumstancias se encontram.

O resto são os esmaltes proprios das peças.

Proponho que a bandeira seja toda de purpura por ser esta a côr da Ordem de S. Thiago e portanto como homenagem a tão notavel Instituição.

ARMAS DE ALCANEDE

Parecer apresentado por Affonso de Dornellas à Secção de Heraldica da Associação dos Archeologos Portuguezes e approved em Sessão de 28 de Dezembro de 1927.

TENDO Camara Municipal de Santarem desejado que fossem ordenadas as suas armas, sollicitou tambem que se estudassem as de Alcanede conforme o officio que segue :

pode adquirir o desenho do verdadeiro e legitimo Castelo heraldico; quaes as cores e armas da Vila de Alcanede, antigo Concelho, e da antiga Vila e Concelho de Pernes, e como deveriam ser as do Pom-balinho. Mais me enrrega o mesmo Senado, de solicitar a V.ª Ex.ª a gentileza de me informar sobre as conclusões a que chegou a Associação da sua digna presidencia sobre o assunto, favor este que zntecipadamente em nome da Camara muito agradeço, desejando-vos Saude e Fraternidade. Santarem, 9 de Julho de 1924. O Vice Presidente da Comissão Executiva (a) *Antonio Pereira de Magalhães*.

O «Portugal Antigo e Moderno» e os outros que o copiam, dizem que Alcanede teve foral em 1163 dado



Bandeira e armas da Villa de Alcanede

— Camara Municipal de Santarem. N.º 403. Proc. 22. Ex.º Sr. Presidente da Associação dos Archeologos Portuguezes. Lisboa. Encarregado pelo Senado Municipal deste Concelho, na sua sessão de 4 do corrente, venho por esta forma muito reconhecidamente, em nome da Camara, agradecer a sollicitude com que pela Associação da sua mui digna presidencia, foi recebido o pedido, embora particular, do vereador deste Municipio Ex.º Sr. Francisco dos Santos Serra Frazão, acerca das cores heraldicas do Municipio de Santarem; se se

por D. Affonso Henriques ou por sua Mãe, mas Francisco Nunes Franklin na sua obra «Memoria para servir de indice dos foraes das terras do Reino de Portugal e seus dominios» segunda edição. Lisboa, 1825, indica só o foral dado pelo Rei D. Manuel I em 22 de Dezembro de 1514, que está registado a folhas 104 do Livro dos Foraes novos da Extremadura.

A jurisdicção ecclesiastica de Alcanede foi do Convento de Santa Cruz de Coimbra até 1300 que passou á Ordem de S. Bento de Aviz constituindo uma das commendas importantes d'esta Ordem.

O Castello de Alcanede parece que foi da fundação dos Romanos e foi D. Gonçallo de Souza seu primeiro Alcaide por D. Affonso Henriques.

Emfim Alcanede é antiquissima e teve no passado grande importancia.

Dizem os varios estudiosos de Alcanede que sobre a porta do Castello estiveram dois escudos, um com a Cruz de Aviz e outra com um Castello de tres torres, razão porque a Camara Municipal de longa data adoptou um escudo partido com as peças referidas.

De facto n'aquella collecção de Armas de Dominio illuminadas em cartões que appareceu no seculo passado, lá vem as armas assim desenhadas.

A Camara Municipal de Lisboa pensou em tempos organizar uma obra com as armas das Cidades e Villas Portuguezas, de que existe no seu archivo um processo referente a este assumpto.

Vejamos o officio que alli existe :

Alcanede. — Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Em comprimento do officio de V. Ex.^a de vinte e cinco de Setembro ultimo, esta Camara declara a V. Ex.^a o seguinte. — No tomo 1.^o do Dicionario Geografico ou Noticia historica de todas as Cidades Villas e lugares, oferecido a El-Rei D. João quinto pelo Padre Luiz Cardoso, da Congregação do Oratorio de Lisboa, Academico Real do N.^o da Historia Portugueza, titulo primeiro no anno de 1747, cuja copia se acha no archivo desta Camara, se vê que o brazão ou Armas desta mesma Camara e Villa é o seguinte. Dois escudos de armas, com divisão pelo meio de huma parte tem a Cruz da Ordem de S. Bento de Aviz, e da outra tres torres. — Não ha noticia de que o brazão de Armas desta Villa

sofresse em tempo alguma alteração, alem das que constam da mesma historia, que V. Ex.^a ahí mui provavelmente poderá vêr, e no caso de que ahí não tenham então se mandará huma copia de toda a historia, o que agora se não faz por ser um pouco extensa. — Deos Guarde a V. Ex.^a. — Alcanede 29 de Outubro de 1855. — Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente da Camara Municipal de Lisboa. — O Presidente (a) *João dos Santos Ferreira*.

Como se vê, pela historia local, não ha que estudar as armas de Alcanede, visto que estão naturalmente indicadas as peças que o devem compôr, a Cruz de Aviz e o Castello. Não teem andado bem ordenadas, pois que de dois escudos fazer um, apenas alinhando-os um ao lado do outro, é pouco. Desde que deliberaram adoptar as peças d'aquelles dois escudos o que é necessario é ordenar um só com as mesmas peças, pois é bem claro que um dos escudos é da Ordem de Aviz e outro concerne da Villa.

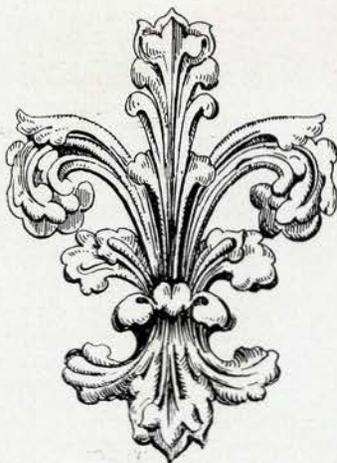
Propomos portanto o seguinte :

— *De prata com um Castello de negro aberto e illuminado de vermelho. Em Chefe a Cruz de Aviz.*

Coroa de 4 torres de prata. Bandeira esquartelada de negro e de vermelho por serem estes os esmaltes da peça principal. Por debaixo das armas uma fita branca com letras pretas.

Proponho que o Castello seja de negro, por este esmalte em heraldica corresponder á terra. Alcanede teve a maior importancia como commenda da Ordem de Aviz pelo seu valor local, pelo valor da propria terra que dava grandes rendimentos.

A prata indicada para o campo, tem n'este caso uma signiificação identica, pois denota riqueza.





HERALDICA DE FAMILIA

CARTAS D'ARMAS

Heitor Mendes Rebello

A paginas 186 d'este volume, refiro-me a um Heitor Mendes Rebello que apparece como Fidalgo de Cotta d'Armas na Carta de Brazão concedida a Pedro Rebello Furtado que vem a paginas 184.

«Temos portanto que além de Pedro Rebello Furtado, descendente de Heitor Mendes Rebello, tambem descende o actual sr. Conde de Castro e Solla que teve a gentileza de me permittir que n'este Elucidario incluísse a referida Carta de Brazão.

Para vermos como se liga este Heitor Mendes Rebello com o sr. Conde de Castro e Solla, vou colher elementos a paginas 169 do 2.º volume da «Bibliographia Nobiliarchica Portugueza», publicada em 1917 pelo sr. Dr. Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares (Carcavellos).

Vejamos o que vem n'aquella pagina :

— Luiz de Solla Telles. — Administrador do morgado do Valdujo, na Beira, 1.º administrador do morgado de Carnicães, na mesma provincia, instituido no 3.º quartel do seculo XVII com a obrigação de os seus administradores e possuidores usarem sempre o appellido *Solla*, e persistente investigador de assumptos historico-genealogicos e heraldicos.

Era filho do licenciado Fernando Lopes da Costa e Solla, sr. do dito morgado de Valdujo, e de D. Julia Solla, sua parenta, a qual descendia de Jorge de Solla e Zote, descripto sob o n.º DLIX a paginas 88; e, pelo lado paterno, neto de Bernardo de Castro e Solla Tellez, sr. do mesmo morgado, o qual usou o *super libros* brasonado que Annibal Fernandes Thomaz, reproduziu a paginas 59 do seu livro «Os Ex Libris Ornamentaes Portuguezes», e de D. Elvira Cespedes e Solla, sua parenta, a qual descendia, por seu pae, de Bracal Solla, Escudeiro com moradia da casa de El-Rei D. João I, como se lê a paginas 219 do tomo IV das «Memorias d'El-Rei D. João I» por Joseph Soares da Silva.

Casou com D. Anna Mendes de Almeida, de Pinhel, a qual descendia de Heitor Mendes Rebello, fidalgo da casa de Sua Magestade e de Cota d'armas; — com geração. De Luiz de Solla Telles e da referida sua mulher é 5.º neto o actual conde de Castro e Solla, descripto sob o n.º XXIX a paginas 29 do volume I.

Escreveu:

1827) Genealogia da Casa de Monsanto. — Ms. in-fol. de 36 pag. Autographo. Consta do catalogo n.º 2 da Livraria Maia, de Lisboa (junho de 1903), que o vendeu para o Porto pelo preço de 6\$000 réis.

N'esta noticia ha duas chamadas á mesma obra, uma a paginas 88 do mesmo volume e outra a paginas 29 do volume I.

Vejamos a primeira referencia :

— Jorge de Solla e Zote. — Capitão de cavallos no reinado de D. João III. Pertencia á familia Zote de que falla o «Livro Velho das Linhagens de Portugal», transcrito a paginas 141 e seguintes do tomo I das «Provas da Historia Geneologica da Casa Real» por D. Antonio Caetano de Souza. Do Dr. Jorge de Solla e Zote descendia, em linha recta, D. Julia Solla, casada com o seu parente Fernando Lopes da Costa e Solla, 6.º avós do actual conde de Castro e Solla.

Escreveu:

1301) Genealogia dos Figueiredos. — Ms. de 6 paginas. Letra do seculo XIV. Autographo e Inedito. Encadernado em pergaminho. Tem o ex libris brasonado da Casa Anadia, a cuja livraria pertencia. Foi mais tarde possuido pelo fallecido Dr. Luiz Monteverde da Cunha Lobo, como se vê do catalogo da sua livraria — n.º de ordem 5693 — em cujo leilão foi vendido ao Dr. Xavier da Costa.

Nas referencias de paginas 29 do volume I, sobre o actual sr. Conde de Castro e Solla, não vem a ligação da sua familia com Heitor Mendes Rebello, mas vem indicação de que seu pae, o 1.º Conde de Castro e Solla, sr. Dr. Ayres Frederico de Castro e Solla, 2.º Visconde de Francos, de que ha uma noticia razoavel a paginas 630 e seguintes do tomo I da «Resenha das Familias e Grandes de Portugal» por Albano da Silveira Pinto.

Finalmente, onde se pode ver uma desenvolvida noticia da Familia Solla fazendo as diferentes ligações com o que acima vae transcripto, é a paginas 1012 do 6.º volume do «Portugal — Diccionario Historico, etc. Lisboa, 1912».



Miguel Coelho de Mello

FAZ parte da minha collecção, a Carta d'Armas original de Miguel Coelho de Mello. Foi passada em 23 de Dezembro de 1620.

A paginas 132 dos «Brazões Ineditos» do Dr. José de

Portugal Rey Darnas Principal Nestes Reynos e senhorios de Portugal pelo muito alto, e muito poderoso Rey Dõ Philippe nosso snõr &. Faço saber que por Migel coelho de mello morador na villa do Demira me foy requerido dizendo que elle era filho legitimo de legitimo matrimonio de Balthasar coelho caldeira o de sua legitima molher Catherina henriquez de Sousa moradores que forão è acidade de Leiria, o qual Balthesar coelho caldeira pay do supplicante foy capitão d'infanteria na dita cidade de Leiria multos annos sendo ahy morador, e neto por parte do dlto seu pai de Francisco Luis coelho, e de sua legitima molher Catherina diaz, moradores que forão na Ilha terceira no porto judeu; e por parte da dita sua may era netto de Jorge henriquez, e de Mõr marquez sua molher moradores que forão na dita cidade de Leiria: e por parte do dito seu pai descende do verdadeiro trõco dos Coelhos, que neste reyno são fidalgos de cota d'armas e sempre viuerão. e da mesma maneira viuue elle supplicante Miguel coelho de mello cõ armas, caualllos, escrauos, criados, e gente de seu seruiço a ley de nobreza e como a ella cõuem, como todo constaua de hu estromento publico de testemunhas que me apresentaua feito em publica forma per authoridade de justiça nesta cidade de Lisboa por Antonio de guerra taballião publico de tõbos e juiz es do ciuel della aos onze dias do mes de nouẽbro deste anno



Sousa Machado, Braga, 1906, sob n.º 414, vem referencia a esta Carta dizendo porém que foi passada em 6 de Agosto de 1625.

Tambem pela mesma obra se fica sabendo que este Miguel Coelho de Mello, era irmão de Diogo Coelho Sodré, Francisco Coelho de Mello e João Coelho de Mello, todos fidalgos de Cotta d'Armas, por cartas de 6 de Agosto de 1625, registadas a folhas 332 do Livro I do Registo dos Brazões.

Vejamus um extracto da referida Carta :

presente de seiscentos, e vinte justificado pelo doctor Luis pereira fidalgo da casa d'El Rey nosso snõr do conselho de sua fazenda, e juiz das justificações della pelo que me pedía que por a memoria de seus antecessores se não perder lhe desse e passasse hu escudo cõ armas que às ditas linhages pertence para dellas vsar, e gozar das honras as ditas armas dos Coelhos. . . . hum escudo d'ouro cõ hum leão rompente de purpura faxado de tres faxas enxaquetadas de ouro, e azul, e huma bordadura de azul cõ sete coelhos de prata malhados de preto, e por differença huma brica de prata cõ hum trifolio de verde, que cõ as ditas armas deue trazer segundo regimento da armaria, viuendo a ley de nobreza; elmo de prata aberto guardado douro, paquife dos metaes e cores das armas: & por timbre hum

leão rompente de purpura faxado de tres faxas de ouro, e azul com um coelho de prata nas vnhas. . . . Dada na cidade de Lisboa aos vinte, e tres dias do mes de Desêbro de mil, seiscentos, e vinte annos. E eu Domingos Correa que o fiz escrever & subscreuj como escriuão da nobresa que sou (a) Portugal Rey darmas P. P.

No verso não tem qualquer indicação de registo. Mede a parte escripta 0^m,57 >> 0^m,38.



Antonio Roiz Gondim

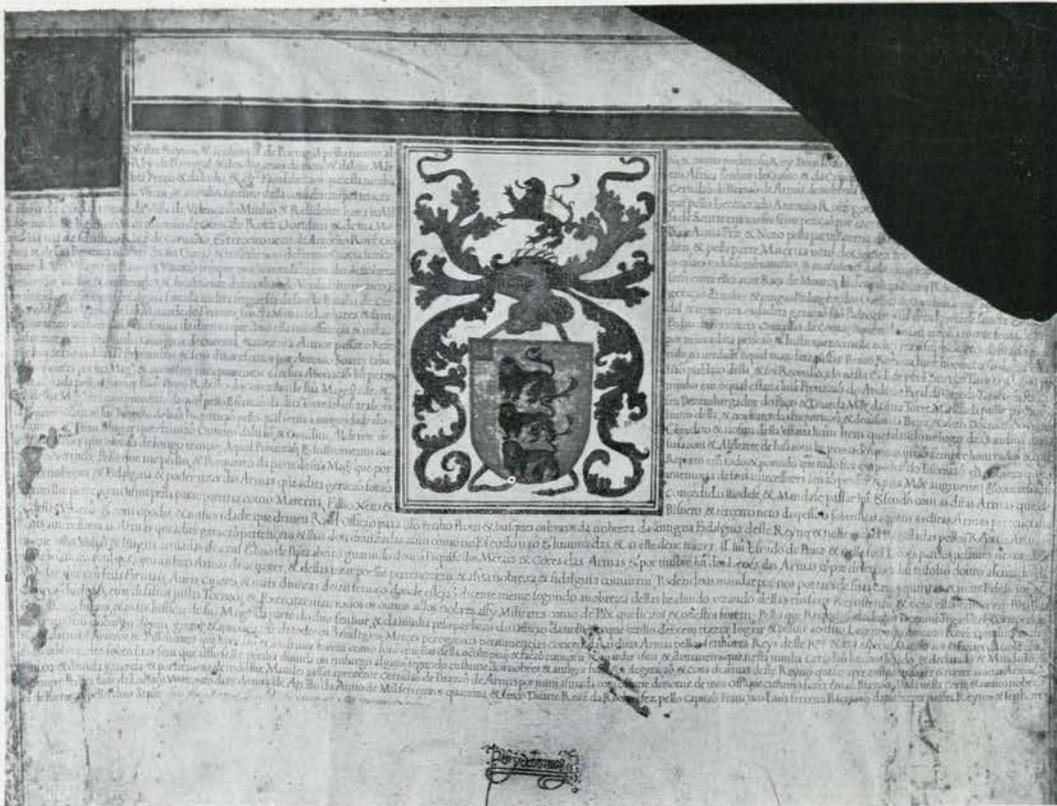
A Carta d'Armas de Antonio Roiz Gondim faz parte da minha collecção. No verso tem escripto o seguinte :

— Foi registada esta sertydão de brazão de armas no liuro de registo da nobreza dos ydalguos della que esta em meu poder a fl.^{as} trinta verso. Eu Rey darmas Portugal a registei e me asinei de meu

«Brazões Ineditos» do sr. José de Sousa Machado, onde diz que foi passada em 30 de Agosto de 1645.

Vejamos os elementos principaes d'esta Carta :

Portugal Rey de Armas Principal. . . . pelo muito alto, & muito poderoso Rey Dom João (IV) etc. . . . Faço saber aos que esta minha certidão de Brazão de armas de nobreza. . . . que pello Lecençado Antonio Roiz Gondim. . . residente em Santa Eulalia de Cerdal termo da Villa de Valença do Minho, & Residente hora na Villa de Santarem me foi feita petição por escrito. . . . filho legitimo auido de legitimo Matrimonio de Gonçalo Roiz Gondim, & de sua Molher Anna Frz, & netto pela parte Paterna de Francisco Roiz. . . bisneto pela mesma uia de Sebastião Roiz de Carnalho, E terceiro neto de Antonio Roiz Gódim & pella parte materna neto de Gomez frz, bisneto de Pedro Franco Gondim & de sua legitima molher Anna Garcia, & terceiro neto de Fernão garcia franco os quaes todos forão naturaes, & moradores da dita freguezia de Cerdal termo da dita Villa, & se tratarão & Viuerão sempre mui honradamente a lei da nobreza sem entre elles auer Raça de Mouros, Indios, & finalmente descendião de Verdadeiro tronco, E geração da nobre e autiga linhagem dos Garcias de Gondim. . . & como taes os da dita geração são Padroeiros da dita Igreja de santa Eulalia de Cerdal, & das Igrejas de São Mamede de Ferreira, Santa Maria de Linhares e Sam Pedro de Formaris, Concelho de Coura, o que tudo mais ampliamente se uia de hum estromento authorizado em forma de di-



Carta d'Armas de Antonio Roiz Gondim

sinal acustumado. Lx.^a aos vinte he sete dias do mes de agosto de mil e seis sentos e quarenta e singuo anos. (a) Antonio Coelho.

Vem referencia a esta Carta a paginas 66 do livro

reito que com ella me offercia & uista por mim a dita petição & Instrumento nelle achei ter o supplicante justificado judicialmente por testemunhas antigas de Outenta, & nouenta annos passar o Referido na uerdade o qual mandara passar Bento Barboza Juiz hordina-

rio da dita Vila que Inquerio as ditas Testemunhas, & seus ditos escritos por Antonio Soares tabalião publico della, & foi Reconhecido nesta cidade por Francisco Tanares tabalião publico de notas por sua mage, & outro sim me apresentou em sua abonação hum pergaminho em qual estaua huma Prouisão do Archiuo Real da Torre do Tombo desta cidade asinada pello Doutor João Pinto Ribeiro do concelho de Sua Magestade & seu Dezembargador de Paço & Guarda Mór da dita Torre mandada passar por Prouisão de sua mage em comprimento da qual pello Escriuão da dita Torre se buscarão os liuros della, & nos liuros das Inquirições, & deuassas da Beira, & alem Douro a folhas Outêta E quatro se achou hum Registo de huma Inquirição pelo qual se uia a antiguidade do sobredito & nofim della estaua um Item que falando no lugar de Gondim dizia o seguinte: Item o lugar que chamão Couteiro daluão & Gondim, Alderete de susaom & Alderete de Jusaom he prouado que os uirão sempre honrrados, & que ouuia dizer que o forão de longo tempo; A qual Prouisão, E Instrumento me Reporto em todo & por todo que tudo fica em poder do Escriuão da nobreza que o sobescreueu. Pello que me pedto, & Requereo da parte de Sua Mage que por amemoria de seus antecessores se não perder & para Mór augmento. E conceruação de sua nobreza, & Fidalguia, & poder uzar das Armas que a dita geração forão concedidas lhe dese, & mandase passar um Escudo com as ditas armas que de direito lhe pertencem assim pela parte paterna como Materna, Filho Neto & Bisneto, & terceiro neto de pessoas sobreditas a quem as ditas armas pertenciam & dellas Vzarrão. E com o poder & authoridade que de meu Real officio para isso tenho Proui & busquei os liuros da nobreza da antiga Fidalguia deste Reyno & nelles achei Registadas pellos Reys de Armas meus antecessores as Armas que a dita geração pertencem & lias dou deuzizadas assim como no Escudo uão Eluminadas & as elle deue trazer. S. S. hum Escudo de Prata & nelle tres Leões pardos pasantes de cor de sangue com Vnhas & lingua armados de azul Elmo de Prata aberto guarnido douro Paquife dos metais & cores das armas E por timbre hum dos Leões das armas & por deferença num trifolho dourado asentado de uerde e húa Brica azul que com as ditas armas deue trazer, & dellas uzar por lhe pertencerem... & por firmeza de tudo lhe Mandei passar a prezente certidão de Brazão de Armas por mim asinada com o sinete do nome de meu Off.º que costumo fazer em os Brazões. Dada nesta corte & muito nobre e sempre real cidade de Lx.ª aos Vinte oito dias do mes de Agosto do anno de Mil seis centos quarenta & sinco Duarte Roiz da Rocha a fez pelo capitão Francisco Luis Ferrelra. Escriuão da nobreza nestes Reynos & senhorios de Portugal pelo dito Snõr E eu franisquio Luiz fer.º o fiz escreuer e sobescreui (a) P^{al} Rey darmas.

A data d'esta Carta não coincide com a data indicada nos «Brazões Ineditos».

A parte escripta mede 0^m,61 × 0^m,62.



João Pinto de Sousa e Silva

NO «Archivo Heraldico-Genealogico» publicado pelo Visconde de Sanches de Baena, Lisboa, 1872, vem sob n.º 1255, a noticia da carta d'armas conferida ao monteiro mór da Villa de Gouvea, João Pinto de Sousa e Silva, com indicação de que está esta carta registada a folhas 106 do Livro Particular do Cartorio da Nobresa.

No original da mesma carta está indicado o registo a folhas 70 do Livro 1.º do mesmo cartorio.

É devido ao favor do Sr. Dr. Francisco Assis... que eu aqui posso transcrever a parte interessante deste documento, que tem andado na Casa dos Srs. Condes de Carria de cuja Familia fez parte o Fidalgo de Cotta d'armas João Pinto de Sousa e Silva. Não é portanto esta carta inedita, mas é da maior conveniencia para os estudiosos de heraldica e genealogia, o conhecerem todos os principaes detalhes das cartas d'armas.

É em forma de livro, como geralmente são todas as cartas do seu tempo.

Vejam os seu extracto:

Portugal Rey de armas principal. Nestes Reynos e Senhorios de Portugal pelo muito Alto uuito Poderoso. e Fidelissimo D. Jozé Nosso Senhor por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Senhor da Guiné e da conquista navegação e comercio da Ethiopia Arabia, Percia, e da Índia &

Faço saber a todos os que esta minha certidão de Brazão de Armas de Nobreza e Fidalguia de Linhagem digna de fee, e crença virem, que neste Juizo da Nobreza me fez petição por escrito João Pinto de Souza e Silva morador na Villa de Gouvea da Comarca da Guarda e nella Montelro mor dizendo que ele supp.º he filho legitimo do Dotor Manoel Pinto da Silva, e de sua mulher D. Luiza Jozefa de Souza. Neto pela parte paterna de Manoel Alvares da Silva de Almeida natural da Villa de Canavezes e de sua mulher D. Maria Pinto de Almeida, que era filha de Francisco Pires de Almeida Pinto, e de sua mulher D. Maria Andre. Bisneto de Domingos de Almeida de Sequeira Machado morador em Segoens no Concelho de Carria donde foi cazar na Villa de Canavezes com D. Antonia de Cerqueira Pinto e justificou na cidade de Lamego em 4 de abril de 1629 a sua ascendencia e Fidalguia. Terceiro neto de Domingos de Almeida de Sequeira que foy cazar a Segoens com D. Maria Machado irman de Gaspar Carneiro Machado pessoas muito nobres e principaes, e Quin'õ neto de outro Domingos de Almeida de Sequeira, Fidalgo de geração dos apelidos de Almeidas e Sequeiras da Villa de Ferreira donde foi cazar no lu-

gar de Penco do concelho de Caria com Brizida Rebello de Vasconcellos da illustre caza dos Rebellos daquelle lugar a que todos seus Pays Avos e mais ascendentes forão pessoas fidalgas e das principaes das terras em que viverão tratandose sempre com creados cavalos e escravos e sempre livres de sangue impuro e de nações infectas sendo legitimos descendentes das nobres e antigas linhages dos Almeydas, Sequeiraes, Pintos e Cerqueiraes pelo que me pedia lhe desse carta de Brazão com as Armas que lhe pertencião pelas referidas familias de seus Avos na forma do estillo, para poder uzar dellas em todas as partes onde o costuma fazer a nobreza e gozar das liberdades concedidas as linhagens a que pertencem. E vista por mim a dita sua petição e sentença de justificação a ella junta proferida pelo Dezembargador Francisco Xavier Morato Boroa Corregedor do Civel da Corte e Caza da Supplicação escripta por Antonio Jose de Souza Escrivão do dito juizo por ella, e pela sobre dita justificação de seu bisavo Domingos de Almeida de Sequeira Machado, e por carta que aos 21 de Janeiro do ano de 1717 fez na Villa de Medello Manoel

ras de ouro em sautor. No terceiro os dos Pintos, que são em campo de prata sinco crecentes vermelhos com as pontas para cima em sautor. No quarto as dos Cerqueiraes, que são em campo vermelho hum leão de ouro armado de azul com hua coleira azul com hua farda de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, e cores das Armas. Timbre o dos Almeidas que he huma Aguia vermelha bezantada de ouro, e por differença hua brica azul com hum farpão de prata. O qual Escudo eu Pedro de Souza Rey de Armas Portugal, e Principal com o poder do meu muito nobre, e Real officio lhe dou para delle uzar nos seus Reposteiros; sinetes, cazas, portadas de quintas, capellas, e mais edificios da sua fundação, e deixallas sobre sua sepultura como costumão os Fidalgos deste Reyno. E requeiro a todos os Dezembargadores, Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, e a todas as mais justicias de Sua Magestade da parte do mesmo Senhor, e da minha em virtude do officio, que tenho, e em especial aos officiaes da Nobreza Reys de Armas, Arautos, e Paçavantes, que agora são, e ao diante forem deixem trazer ao sepp.º as ditas Armas,



Carta d'Armas de Manuel Fretre

Pinto da Silva Pay do supp.º juntas ambas a dita sentença por tudo me constou haver este justificado o sobre dito a qual fica conservada no Cartorio da Nobreza em poder do Escrivão delle, que ante mim serve e por quem esta vai sottoscrita: e por que o supp.º tem mostrado a sua nobreza e fidalguia de seus progenitores, e require este Brazão para conservação de sua nobreza, e da memoria de seus antepassados, busquei no livros dos Registos das Armas da Nobreza, e Fidalguia deste Reyno, que em meu poder estão, e nelles achei as que pertencem as nobres, e antigas linhagens dos Almeidas e Sequeiraes, que lhe competem pelo sobre dito seu quarto Avo Domingos de Almeida de Sequeira como consta dos ditos instrumentos, e as dos Pintos e Cerqueiraes por sua Bisavó paterna D. Antonia Pinto de Cerqueira na forma que lhas dou illuminadas nesta carta com as mesmas figuras, cores e metaes segundo as regras do Nobre officio da Armaria. A saber. Hum Escudo esuartellado. No primeiro quartel as Armas dos Almeidas que são em campo vermelho hua Cruz dobre e bordadura de ouro entre seis bezantes do mesmo metal. No segundo quartel as dos Sequeiraes que são em campo azul sinco viei-

e logreee dellas em todos os actos asima referidos com todas as liberdades, e lizenções, e cumprão, e fação dar o devido, e inteiro cumprimento a esta minha Carta, e Certidão de Brazão de Armas, que mandei passar, e para firmeza, fee, e testemunho della vay por mim assignada, com o nome do meu Real Officio. Dada nesta Corte e sempre Leal Cidade de Lisboa aos vinte e hum do mez de Março do Anno do Nascimento de N. S. Jesus Christo de mil sete centos e sincoenta, e sete. Frey Manoel de Santo Antonio, e Silva da ordem de S. Paulo a fez por especial Provisão de Sua Magestade que Deos guarde: e Eu Rodrigo Ribeiro da Costa Escrivam da Nobreza nestes Reynos e Senhorios de Portugal e suas Conquistas por Sua Magestade que Deus Goarde a fiz Escrever e Sobrescrevi. Portugal Rey de Armas P. Fica Registado Este Brazam no Cartorio da Nobreza no L.º 1.º a fl. 70. (a) Rodrigo Ribeiro da Costa.



Manuel Freire

NO «Archivo Heraldico-genealogico» publicado pelo Visconde de Sanches de Baena, Lisboa, 1872, sob n.º 1894 vem referencia á carta d'armas dada a Manuel Freire em Lisboa a 21 de julho de 1530.

A carta original que faz parte da minha coleção, está datada de 16 do mesmo mez e anno.

Vejamos o seu contheudo :

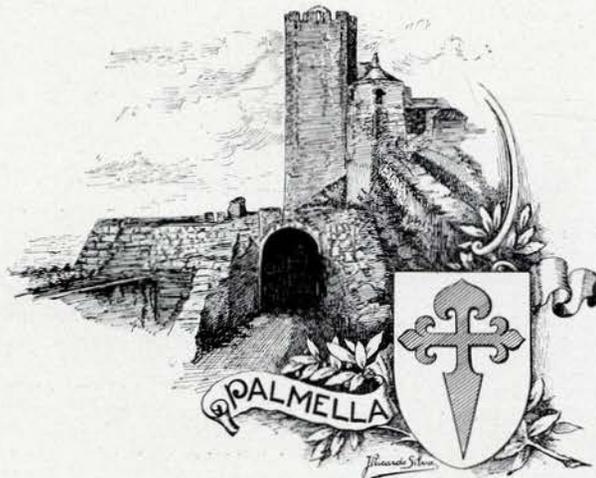
— Dom Joham per graça de deos. Rei de portugal e dos algarues daquem e dallem mar em africa. Senhor de guine. e da côquista. navegaçã, comercio. de hettlopie. arabia. persia e da India. a quantos esta mynha carta virem. faço saber. que manoei freyre. filho de loys freire. do môtemor o nouo. me fez petyçã. como elle. descendia. da geraçã e linhagẽ. dos fretres. dandrade. que sam fydalguos. e de cotta. darmas e que as suas. armas de dereito lhe pertẽcem. pedindome. por mercede. que pera. memoria de seus. antecessores. se nã perder e ele gouuir e vsar da homra. das armas. que pellos mereçimentos. de seus seruiços ganharã e lhe forã. dadas e asi dos. preuilegios. homras. graças. e merçes que por dereito. por bee. delas lhe pertencem. lhe mandase. dar mynha carta das ditas armas. que estãuam Registadas. em os liuros dos Registos. das. armas. dos nobres. e fidalgos. de meus. reinos. que tem portugal meu principal Rey darmas. a qual petyçam vista por my. mãdey sobre. ela tyrar Imquiriçã de testemunhas. a qual foy tyrada polo lecençeador. xpõuam esteuez. do. meu conselho. e dessembargador das minhas petyçõees. do paço. e por pero da lagea escriuam. da mynha corte. polla qual proua elle supricate. desçemder. de dita geraçã. dos fretres. dandrade. por parte de seu pai e auos. e que de dereyto as suas armas. lhe pertẽcẽ. as quaes. lhe mandey dar. em esta minha carta com seu brasam. elmo. y tymbre. como aqui sam deuissadas. e asy como. fyel. e verdadei-

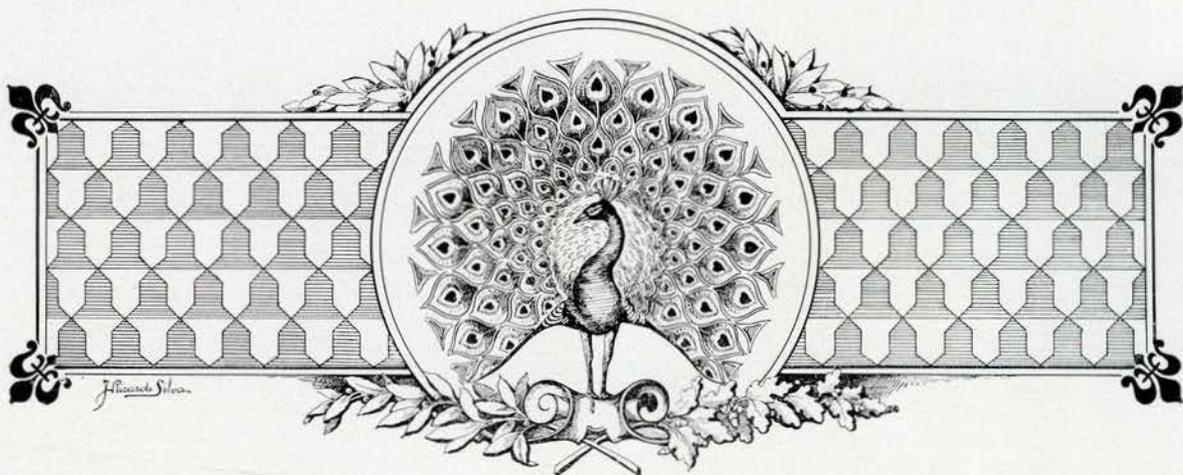
ramente. se acharã. deusadas. e Regystadas. em os liuros dos Registos do dito portugal rey darmas. as quaes armas sam as seguytes. s. o campo verde. e hua banda de vermelho. perfilada e metyda em duas bocas de serpes. douro. e por deferemça hua merleta douro. elmo de prata aberto garnydo douro. paquife douro e verde. por timbre. dous pescos de serpes douro. cõ os Rostos hun. contra o outro. o qual escudo armas e sinais. posa trazer e traga o dito manoei freyre. asi como as trouxerã e dellas vsaram seus antecessores. em todos os lugares. de honra em que os ditos seus antecessores. e os nobres. e antygos. fydalgos. sempre. costumavãas trazer. em tempo. dos muy esclarecidos. Reis meus antecessores. e cõ elas possa entrar em batalhas. campos. duelos. retos. escaramuças. e desafios. e exercitar cõ ellas todos os outros autos. heytos. de guerra. e de paz. e asy as posa trazer em seus firmaes. anees. sinetes. e deuissas. e as poer em suas cassas e edeficios. e leixalas sobre sua propria. sepultura e finalmete. se seruyr. e homrar gouuir e aproueytar delas em todo e per todo como a sua nobreza. comuem. porem mando a todos meus corregedores. e dessembargadores. Juizes. Justicas. e alcaydes. e em especyal aos meus Reys darmas. arautos. e passavantes. e aquaes. quer outros offyçiaes. e pessoas. a que esta mynha carta for mostrada e conheçimento della pertemçer. que. em todo. lha cumpram. e guardem. e façam cumprir. e guardar. como em ela he contheudo. sem duuyda nem embargo alcun. que. lhe em ello seya posto. por que asi he minha merce. dada em mynha muy noble e sempre leal. cydade de lyxboa. aos XVJ dyas. de Julho. el Rey o mandou pollo bacharel Antonio Roys. portugal seu Rey darmas. pryncypal. pero deoura. Rey darmas algarve. e escriuam da nobreza. a fez. anno de nosso senhor. Jhu xpõ. de myl quinhentos. e trinta anos. (a) Portugal P. Rey darmas. —

No verso tem :

R.^{da} Na chria. — Pg. Rs a xxvj de Julho de mjll e h: xxx — P.º Gomez. —

Na parte escrita, esta carta, mede 0^m,47 × 0^m,28.





HERALDICA DE CORPORAÇÃO

Commissariado da Exposição Portuguesa em Sevilha

○ Commissariado da Exposição Portuguesa em Sevilha, como aliás qualquer outra corporação de certa cathogoria, necessita do seu selo e portanto das suas armas.

Os elementos que aqui vou deixar, não constituem por forma alguma um parecer ou projecto d'armas para o referido commissariado, nem uma critica ás armas adoptadas, são apenas elementos que ficam arquivados para facilitar o estudo da forma a dar a uma nova peça a entrar na heraldica portugueza, a caravella.

São muito aproveitaveis os conhecimentos que vieram a publico na desenvolvida discussão que houve sobre o emblema adoptado pelo Commissariado.

Vejamos as bases para serem apresentados projectos para o mesmo emblema.

Commissariado da Exposição Portuguesa em Sevilha — E' aberto pelo prazo de 10 (dez) dias a partir do dia 12 do corrente mez de Janeiro de 1928, um concurso nacional para a escolha do timbre da Exposição Portuguesa em Sevilha, perante este Commissariado e nas condições seguintes:

1.º — A este concurso pódem apresentar-se todos os artistas portuguezes.

2.º — Os projectos do timbre que se usará em capas de publicações, papel e envelopes, etc., serão executados a tinta negra sobre fundo de cartão bristol branco e nas dimensões de 25 x 35 cm.

3.º — O motivo do timbre deverá ser uma caravela portugueza e a legenda *Exposição Portuguesa em Sevilha*.

4.º — A propriedade do projecto classificado em primeiro lugar

será paga pelo Commissariado pela importancia de 500\$00 (quinhentos escudos).

5.º — O júri será constituído pelo Commissario Geral da Exposição; por um representante do Conselho de Arte e Archeologia; por um representante da Sociedade Nacional de Bellas Artes; por um representante da Associação dos Archeologos Portuguezes e por um representante da Imprensa Nacional de Lisboa.

6.º — Todos os trabalhos deverão ser acompanhados de uma legenda, á qual corresponde um envelope fechado com identica legenda, contendo a direção e o nome do autor e serão entregues na Sêde do Commissariado, Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 29/2.º, até ás 17 horas do dia 22 do corrente, contra um recibo do mesmo Commissariado.

7.º — Todos os trabalhos não premiados, serão devolvidos aos autores que o requisitarem dentro do prazo de trinta dias a partir do encerramento do concurso.

8.º — O júri reserva-se o direito de não proceder á classificação, se considerar a insuficiencia de mérito dos trabalhos apresentados a concurso.

Lisboa, e Commissariado da Exposição Portuguesa em Sevilha, 12 de Janeiro de 1928.

Se fosse possivel prever certos casos, deveria ter entrado nestas condições a indicação do modelo da caravela preferida, citando a obra a consultar sobre o assumpto, não collocando os artistas em serias difficuldades e sujeitos a criticas imerecidas, pois os pintores e desenhadores apesar de terem inumeros conhecimentos, estão todos os dias sujeitos a terem de resolver problemas para que podem não estar preparados.

Despertou o maior interesse este concurso, sendo o emblema approved, bastante discutido na imprensa e em communicações na Associação dos Archeologos, parecendo-me que apesar de muita historia e de muita tecnica, não se entrou no assumpto como elle devia ser encarado.

E' heraldicamente que este caso teria de ser tratado.

Existem tres especies de armas: as de dominio, as de familia e as de corporação.

As de dominio são as assumidas pelas Nações, pelas Cidades, pelas Villas, pelos lugares ou povoados de qualquer especie onde haja auctoridades que tenham representação colectiva e tenham de legislar, organisando o seu sello para autenticar as suas leis, editaes ou quaesquer documentos, sello que tem a forma de armas quando seja para esculpir e aplicar nos edificios para indicar que pertencem ao dominio que caracterisam, ou para bordar nas bandeiras ou estandartes para arvorar nos edificios ou para acompanhar o governo respectivo.

As armas de familia são aquellas que caracterisam cada familia, sendo usadas como sello para autenti-



Emblema do Commissariado da Exposição Portuguesa em Sevilha

car os seus documentos, esculpidas nos edificios dessa familia, e nas suas sepulturas. Antigamente eram usadas em estandartes nas guerras quando os chefes dessas familias armavam gente para combate.

As armas de corporação são as adoptadas pelas ordens religiosas, ordens militares, sociedades scientificas, commerciaes, industriaes, agricolas, enfim por qualquer corporação de qualquer especie, que como os dominios e as familias, necessitam de sello, de armas e de bandeira ou estandarte.

O Commissariado da Exposição Portuguesa em Sevilha é uma corporação que necessita de umas armas para sellar os seus documentos, para usar nos seus impressos, enfim, para caracterisar a sua existencia.

O Jury que apreciou as provas do concurso no dia 23 de janeiro passado, foram: Presidente, o Commissario Geral da Exposição, Sr. Coronel Manuel Gonçalves Silveira Azevedo e Castro; pelo Conselho de Arte e Archeologia o Sr. José Velloso Salgado pela Sociedade Nacional de Bellas Artes o Sr. José Malhoa; pela Associação dos Archeologos Portuguezes o Sr. Capitão de Fragata Henrique Lopes de Mendonça e pela Imprensa Nacional de Lisboa o Sr. Alfredo J. de Moraes.

Foi classificado em primeiro lugar o trabalho da Illustre artista Sr.^a D. Raquel Gameiro Otolini.

Houve vários concorrentes que confundiram a caravela com galões, naus etc., havendo opiniões fora do Jury, de que a embarcação que a sr.^a D. Raquel Gameiro Otolini desenhou, tambem não é uma Caravela.

Vejamos o que vem no jornal «O Seculo» de 26 de janeiro passado:

Realizou-se, ha dias, no Commissariado da Exposição de Sevilha, a reunião do jury do concurso, para apreciação dos projectos do timbre que será usado em todas as publicações d'aquella repartição do Estado, tendo sido conferido o primeiro premio á sr.^a D. Rachel Gameiro Ottolini, depois de se ter verificado que a maioria dos concorrentes não satisfazia á base 3.^a do concurso, a qual expressamente exigia que, no timbre, figurasse uma caravela portugueza.

Segundo a opinião do jury, grande numero de artistas concorrentes confundiu caravela com galeão, e, por esse motivo, foi excluido do concurso.

Ao que nos consta, porém, tambem no projecto aprovado não figura uma caravela, e tanto assim que o presidente da Comissão de Cartografia, sr. almirante Gago Coutinho, dirigiu, hontem, um officio ao commissario geral da Exposição de Sevilha, informando-o de que a referida comissão notou um flagrante erro tecnico, nas velas e aparelho do navio representado no timbre que pretende ser uma caravela, mas que mais se parece com um caíque moderno, reproduzindo o desenho erroneo da caravela da *Historia da Colonisação Portuguesa do Brazil*, e elucidando que os desenhos das antigas caravelas se encontram, entre outros documentos, no *Livro das Armadas*, da Academia das Sciencias de Lisboa, *Gravura em Lisboa*, 1574, de Braunio; *Antigos navios portuguezes*, de Henrique Lopes de Mendonça, membro do jury, e no *Album do «Seculo»*, por Joaquim de Mello, etc.

A Comissão de Cartografia manifesta o desejo de que seja retificado o lamentavel erro historico e acentua que outro intuito a não move senão o profundo interesse pela intelligente representação de Portugal no estrangeiro, especialmente no que se refere a questões tecnicas, em que out'ora fomos tão entendidos.

Depois reproduzindo uma caravela do «Album do Seculo», diz:

Por ele se vê flagrantemente que o desenho do timbre não corresponde á exigencia da base 3.^a do concurso, visto que, de facto, as velas da *caravela de 1928* são uma reprodução fiel das vellas das actuais canoas de pesca e não tem as dimensões de vergas nem o grande bolso das velas das caravelas do seculo XV, como ainda actualmente se pode observar nos barcos de vela da costa da Índia.

No mesmo jornal, mas no dia seguinte, 27, vem as duas cartas que passo a transcrever:

...Sr. director.—Pela elevada consideração que, por todos os titulos, merece o meu insigne camarada, almirante Gago Coutinho, rogo a v. a publicação de rapidos esclarecimentos sobre o concurso do Timbre da Exposição Portuguesa em Sevilha, de cujo jury eu fiz parte.

O navio que se encontra no projecto aprovado, é, em minha opinião, uma caravela autentica, segundo o primitivo tipo portuguez do seculo XV, já talvez aperfeiçoado no seculo XVI. O modelo, reproduzido no seu jornal de hoje, é uma caravela redonda, typo hibrido de transição; pois que as characteristics essenciaes da genuina caravela portugueza são: aparelho latino nos tres mastos, ausencia de castelo de proa, fundo mais estreito do que o dos navios redondos, Assim apparecem, entre outros documentos, na carta de Juan de La

Cosa, no atlas de Kunstmann, n'um quadro da Madre de Deus, como consta das reproduções insertas nos meus *Estudos sobre navios portuguezes, nos seculos XV e XVI*. Para a larga argumentação que sobre o assunto desenvolvi neste livro e que se me afigura exaustiva, remeto os leitores mais curiosos. Nem é este o lugar proprio, nem me sobram lazeres, para reentrar, após 36 anos, nesse longo processo no qual, creio que sem deshonra, me debati com autoridades hespanholas, como D. Cesareo Duro, D. Rafael Monleon, e contestei outras de consagrados, como o celebre Jal, para provar a proveniencia portugueza e determinar a forma primitiva da caravela.

Quanto aos detalhes de aparelho, que fazem essemelhar (quanto a mim, com justiça) as caravelas quatrocentistas aos caiques modernos, acho, sem desprimor para ninguem, que não merece apenas discutilos, num emblema de caracter symbolico, feito para ser reproduzido em pequenissimas dimensões.

Eis o que se me oferece muito rapidamente explanar, rogando a v. que, com a publicação da presente carta, faça o seu conceituado jornal interprete da homenagem que, mais uma vez, presto ao almirante Gago Coutinho, o qual conhece de sobra o meu velho parecer sobre o assumpto.

E, agradecendo, rogo me creia—De v., etc.—26-1-28.—(a) *Henrique Lopes de Mendonça*.

Sr. director do «Seculo».—Vejo no apreciado «O Seculo», de hoje, o protesto e autorizada opinão, do sabio almirante Gago Coutinho, acerca do desenho premiado no concurso do Timbre do Commissariado da Exposição em Sevilha—da auctoria da minha distincta collega sr.^a D. Raquel Gameiro Ottolini—cujo projecto, aprovado, não satisfaz a base 3.^a do referido concurso, isto é: «não representa uma caravela portugueza».

Visitei a exposição do «Timbre», por sinal instalada n'um local acanhado,—para que servem as salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, na rua Barata Salgueiro?!—admirando as obras expostas; quasi todas excellentes, quer pela concepção, composição e tecnica, figurando na maioria delas a «Caravela Real», naturalmente preferida pelos concorrentes, pela sua magnificencia (estampa 14 do album de Joaquim de Meilo de «O Seculo») e, bem em contraste com a simples caravela das cartas de Juan de la Cosa (1493) e do atlas de Kunstmann (1516) e que está desenhada no trabalho premiado!

Dado o «quiproquo» havido, da parte do jury, de esperar será, e de justiça é, que os desenhos em questão, sejam submetidos a nova apreciação, e agregado ao jury o douto presidente da commissão de cartografia; assim como, atendendo á qualidade dos projectos apresentados e dada a insignificancia do primeiro e unico premio, as recompensas sejam pelo menos tres: 1.^o premio, 3.500\$00; 2.^o premio, 1.000\$00; terceiro, 500\$00.

Louvavel será que concursos desta natureza—officiaes—para desenvolvimento da nossa cultura artistica, se exponham ao publico antes e depois da classificação.

Agradecendo a v. a publicação desta, reservo para muito breve a revelação de interessantes coizas... sobre arte.—De v. etc.—26-1-928.—*José Campas*.

Em 28 de Janeiro, o jornal *O Seculo* publica o seguinte:

... *Sr. director do «Seculo»*:—O *Seculo* de ante-hontem, n'um artigo referente ao concurso do Timbre para a Exposição Portugueza em Sevilha, dava a noticia da commissão de cartographia, na pessoa do seu digno presidente, o sr. almirante Gago Coutinho, haver chamado a attenção do Commissariado para o navio que figura no timbre escolhido, affirmando que elle apresenta um ilagrange erro tecnico nas velas e no aparelho e que é reprodução do desenho da caravela da «Historia da Colonisação Portugueza do Brazil», desenho esse que cruaamente classifica de «erroneo».

Sobre o assumpto já hontem se pronunciou o meu ex.^{mo} amigo e illustre escriptor sr. Henrique Lopes de Mendonça, uma das nos-

sas raras competencias na materia e auctor de varios estudos sobre a especialidade.

Consinta, porém, v. que eu venha como auctor do desenho da *Historia da Colonisação*, expôr as razões por que o executei assim, e não como o sr. almirante Gago Coutinho pretende que devia ter sido executado.

Todos os artistas e principalmente os que illustram com honestidade—no numero dos quaes me conto—conhecem as difficuldades por vezes insuperaveis, os embaraços em que se vëem para conseguirem documentos de epochas remotas, nos quaes confiadamente se possam basear para os seus trabalhos. Occasiões ha em que, por não nos merecerem confiança os documentos de que dispomos, somos forçados a pedir o conselho e a opinião das pessoas que a esses assumptos e ao estudo d'essas epochas tenham dado o melhor do seu esforço e da sua intelligencia.

Encarregado da honrosa, mas difficilissima tarefa de illustrar a monumental *Historia da Colonisação Portugueza do Brazil*, eu tive, tambem, mais do que uma vez, de seguir esse caminho.

Assim, sobre a architectura naval quatrocentista—assumpto que, seja dito de passagem, me preoccupa desde o centenário da descoberta do caminho maritimo para a Índia—soccorri-me da opinião de officiaes illustres da nossa Armada, como Baldaque da Silva, João Braz de Oliveira, Hipacio de Brion infelizmente já fallecidos; Henrique Lopes de Mendonça, Vicente de Almeida d'Éça, Ernesto de Vasconcellos, Quirino da Fonseca e outras auctoridades.

Os documentos sobre a materia são, na maioria dos casos, intelligiveis, como os modelos das naus e galeões estilizados em pedra, espalhados pela nossa cidade. Sobre o assumpto, vi todos os documentos, que aquelles officiaes me indicaram e, quando alguma contradicção surgia, o que algumas vezes succedeu, com a sua copetencia especialisada, elles aconselhavam-me e indicavam-me a versão mais acceptavel.

Particularmente de caravela, dois nomes illustres se occuparam—Lopes de Mendonça e Braz de Oliveira—e de modo tal que, creio eu, a ninguem ficaram duvidas sobre qual seria, não o pormenor, mas, pelo menos, a forma geral do barco. Com effeito, em todos os seus estudos elles estão de accordo, considerando como *um dos melhores exemplares de caravela portugueza* a do quadro que representa o desembarque de Santa Auta, existente na Igreja de Madre de Deus. O primeiro reprodu-la nos seus estudos sobre *Antigos navios Portuguezes*; o segundo, n'um artigo que se publicou na *Revista Portugueza Colonial e Maritima*, n.^o 8, de Maio de 1898. N'esse artigo, Braz de Oliveira diz ser a caravela de origem mourisca e de armação latina, e serve-se do *Livro das Fortalezas*, de Duarte de Armas, dos mapps de Juan de la Cosa, dos desenhos de Beninc, das chronicas nacionaes, dos navios latinos de alguns mapps dos *Souvenirs de Marine*, do almirante Paris, para descrever a caravela. Considera, como acima digo, a caravela da Madre de Deus um dos melhores exemplares da caravela portugueza, e diz que «é de aspecto grosseiro e faz lembrar as armações da pesca». Na verdade, basta vê-la—e toda a gente a pode ir vêr—para se concluir que faz lembrar um caique moderno, de pesca, como o meu desenho tambem.

Além d'estas consultas, largas conversas tive com o sr. Lopes de Mendonça, antes de fazer o desenho para a *Historia da Colonisação*.

Procurei, como v. vê, estudar, o mais profundamente que me era possivel, o aspecto e o caracter da nossa caravela das descobertas—a fim de fazer com o maior escrupulo, uma reconstituição desenhada.

Não posso affirmar que é certa a versão que adoptei—como ninguem pôde affirmar, com absoluta segurança, o contrario.

Pôde ser «erroneo» o desenho—como categoricamente o affirmo o sr. almirante Gago Coutinho. Peço, todavia, licença para não concordar com elle, não me convencendo com os documentos com que argumenta, que eu tantas vezes consultei, tambem, e que, deante de outros mais auctorizados, tive de pôr de parte.

Peço a v., sr. director que me desculpe roubar-lhe tanto espaço no seu jornal, para responder a uma affirmação do sr. almirante Gago Coutinho, que podia ter uma interpretação muito desagradavel para

mim, por dar azo a poder supor-se que os meus desenhos de illustração não são feitos com o escrupulo que em todos tenho procurado pôr.

Aproveito o ensejo para prestar a minha homenagem a sua ex.^a, legitima gloria da nossa Sciencia e da nossa Aviação, e confesso-me, sr. director - De v., etc., — *Roque Gameiro*.

Consta que o concurso do timbre para o commissariado portuguez junto da Exposição de Sevilha não se repetirá, mantendo o jury a classificação que fez, por reconhecer que no desenho approved figura uma caravella.

Em 29, o mesmo jornal, sobre o assumpto, diz :

«*Sr. director do «Seculo»*. — Li hoje a interessante carta do conhecido pintor Sr. Roque Gameiro, a cuja disposição me ponho completamente, para — sem subir além da chinela — lhe mostrar os defeitos technicos do seu desenho da *caravella*. Lamentavelmente, estou impedido de escrever para o publico. Mas logo que acabe a censura nos jornaes, procurarei concorrer para que os artistas de Portugal, olhando com olhos marítimos para as coisas do mar, e, por exemplo, para a caravella da igreja da Madre de Deus, deixem — embora de boa fé — de confundir caravellas de panno quasi *redondo* com *caiques latinos*.

Agradecendo a publicação d'esta explicação — Sou de v., etc. — *Gago Coutinho*.

Em 30, o Pintor sr. José Campas volta a escrever nos seguintes thermos :

«... *Sr. director do «Seculo»*: — Perdô-me, v., voltar a roubar-lhe o precioso espaço do seu querido jornal, mas vejo, com surpresa e magua, que o concurso do «Timbre da Exposição de Sevilha» não será annullado, apesar da affirmação auctorisada do insigne almirante Gago Coutinho, ácerca da caravella.

O trabalho premiado — sem desprimor para ninguém e sómente tendo em consideração o bom nome de Portugal e dos seus artistas — se pela concepção e composição é um dos melhores do concurso, no que diz respeito a caravella deveria ser modificado, e ainda o escudo portuguez meticulosamente desenhado, tanto mais que será impresso reduzido (n'este caso, estou tambem em desacordo com a opinião do meu venerando e illustre mestre Henrique Lopes de Mendonça).

Que pensarão amanhã os estrangeiros, artistas, coleccionadores, bibliophilos — ávidos de coisas de arte — do desenho premiado ?!

Nas vespas de novo concurso (o do cartaz), ainda se desconhece, o jury, e, assim, os concorrentes estão sujeitos a novo insuccesso.

Folgo em saber que a reunião do jury do proximo concurso se realisará na Sociedade Nacional de Bellas Artes, na rua Barata Salgueiro. Interessante seria agora que a direcção chame a si a honra de convidar o glorioso almirante Gago Coutinho a realisar, na sua séde, uma preleção sobre arte nautica, conferencia que será para todos nós — estudiosos — motivo de ensinamento e orgulho. — De v., etc. — *José Campas*.

Em 31 de Janeiro, é o sr. Jorge Collaço que diz da sua justiça nos seguintes thermos :

«... *Sr. director e presado amigo*. — Enceta-se na Imprensa uma discussão sobre a classificação no concurso do sello portuguez para a Exposição, na qual muito estimaria não ver-me obrigado a entrar; tanto mais que: com a consciencia tranquilla pelo dever cumprido; tendo previsto a tempo a vital importancia da nossa participação, e a urgencia no inicio dos trabalhos preparatorios, julgava ter direito ao silencio que me empuz desde que esses trabalhos foram entregues a pessoas, cujo patriotismo julgo igual ao meu e cuja competencia reputo maior.

Devido, porem, a uma amizade que muito me penhora, tive a honra emerecida de ser reeleito presidente de uma sociedade de artistas, e nesta conformidade, tendo de antepor o meu dever á minha vontade, permita-me v., que lhe roube espaço e emita sinceramente a minha opinião no caso, tanto mais necessaria, creio eu, quanto ha pessoas que na discussão, lamentam que o sr. commissario não annullasse o concurso! Anullar o concurso? Como?

O jury foi nomeado para o concurso do sello sem que ninguém reclamasse contra qualquer das entidades que o compunham; nem, aliás, ninguém podia reclamar, porque tanto para a parte historica como para a parte artistica, essas entidades tinham nomes consagrados, que bem podiam com as responsabilidades do caso e que só tinham jus ao respeito e á consideração de todos.

Emquanto a mim, confirmando o sr. commissario a decisão do jury, como o fez, não só cumpriu o seu dever com um nitido criterio das suas atribuições, como se fez interprete junto dos membros do jury, do respeito e da consideração que merecem, do que, pela minha parte desde aqui lhe agradeço.

Sem mais, sou, com a velha amizade de sempre e a mais elevada consideração, de v., etc. — *Jorge Colaço*.

Em 2 de Fevereiro, o mesmo jornal publicou as ultimas cartas sobre o assumpto.

Vejamos o seu contheudo :

«... *Sr. director do «Seculo»*. — A carta de sua ex.^a o presidente de uma sociedade de artistas, dando o seu voto, ao sr. commissario geral da Exposição de Portugal, em Sevilha, na decisão do Concurso do Timbre, a meu vêr, em nada altera a opinião do sabio presidente da commissão de cartografia, nem me convence do *qui-proquo* do jury, nem contradiz a maneira deficiente como está indicado o escudo portuguez no trabalho premiado!

E depois, para que roubar o precioso espaço do *Seculo*, com uma causa e debate de arte, num Paiz onde actualmente os proprios artitas — os unicos interessados — se desinteressam, assim como os criticos da arte?

Reco do-me ainda d'outros concursos, em que o jury foi combatido como no monumento ao Marquez de Pombal (critica brilhante e auctorizada de Antonio Arroio) e no da estatua de Sousa Martins: depois de irrigida, foi apiada e substituida pela actual, do grande escultor Costa Mota (tio).

Agradecendo a v. a consideração e benevolencia na publicação desta carta, e dando por terminado este assunto, confesso-me admirador grato. — Lisboa, 1 — II 928. — *José Campas*.

«... *Sr. director do «Seculo»*. — Será tarde, em demasia, para intervir na controversia que no seu conceituado jornal, se tem mantido, a proposito do desenho do timbre, approved para a nossa representação na futura Exposição de Sevilha? Tenho hesitado durante dias, com receio de parecer abelhudo, mas o meu bom senso não me dá descanso, enquanto eu não der expressão aos seus impulsos, em letra redonda.

Entre os eruditos sustenta-se e nega-se simultaneamente que o barco que figura naquelle desenho seja a genuína representação de uma das nossas antigas caravellas.

Certamente elle não representa. A caravella que vive ainda hoje no espirito do povo e até mesmo no das camadas medianamente instruidas; não é aquella caravella, mais ou menos idealizada, que estamos habituados a vêr representada nas cantarias das esquinas e em muitos documentos, já de uma respeitavel antiguidade, e não é, por aquella forma, que os artistas antigos e até os contemporaneos a tem representado.

Não é aquelle simbolo, emfim que traz á nossa imaginação os barcos gloriosos, tripulados por gente luzitana, de tumidas velhas, bafejados por aquelle mesmo vento bemfazejo, que acariciava esta nossa patria, num dos mais bellos periodos da sua historia e que levava as suas caravellinhas a empresas de alcances tão profundos, que poderam modificar a historia da civilização.

Era todo esse periodo de glorias, certamente, que o jury queria evocar, quando exigiu que nos desenhos apresentados a concurso figurasse a caravela dos descobrimentos portuguezes, e não é, ainda certamente, aquelle pobre e triste caique, de vellas bambas, arreliado ao regressar duma pesca infructifera, que poderá alimentar e manter no espirito ideais constructivos nem despertar nos estrangeiros alguma curiosidade pela historia gloriosa desta Nação. E é esse alvo que nunca se deve perder de vista em tudo quanto diga respeito á nossa representação na Exposição Ibero-Americana de Sevilha.

Os heróis e os símbolos nacionais não se devem destruir, ainda quando se tenha de invocar a verdade historica, muito duvidosa, no caso presente. Que os eruditos na sua séde inçaciavel de verdade rigorosa venham a esgravatar tanto na vida dum herói, que até cheguem a desfazer toda a parte lendaria, que nelle se consubstancia, e que é aquella que verdadeiramente fere a sensibilidade do povo e lhe serve de estímulo, até reduzir o herói ás proporções de um herói muito caseiro, ainda se pode admitir em nome da sciencia.

Esse não era o caso presente e se o erro cometido por um grande artista, num momento de má inspiração, não tem remedio que elle, pelo menos, sirva de lição negativa para que outros artistas, em outras produções graficas posteriores, não venham a destruir outros símbolos. — S./c., Fevereiro, 1928 — Seu amigo certo. — Adolfo Benaruz.

O acalorado d'esta questão é proveniente do facto de não terem entrado no assumpto pelo caminho mais direito, ou por outra, por aquelle unico caminho por onde deviam ter seguido, que era o caminho da heraldica.

Descreem muito da heraldica os nossos estudiosos e artistas, mas não terão outro remedio em casos identicos senão de se conformarem com a necessidade absoluta de darem a importancia relativa a tal ramo de estudo, que marcha paralelamente com a historia e a arte.

Das diferentes cartas que ficaram acima transcriptas, nada resultou para o emblema que caracteriza o Commissariado da Exposição Portugueza em Sevilha e muito resultou para o conhecimento da Archeologia Naval.

Mas não ficou por aqui tal discussão; na Associação dos Archeologos Portuguezes, n'uma reunião extraordinariamente concorrida, effectuada na noite de 4 do mesmo mez de Fevereiro, fallaram sobre o mesmo assumpto os srs. Almirante Gago Coutinho e Commandante Quirino da Fonseca.

Do livro das actas d'aquella Instituição, vou extractar o bastante para ficar aqui registado o que disseram aquelles dois eruditos conhecedores de Archeologia Naval.

O sr. Almirante Gago Coutinho, começando por dizer que não é perito em Archeologia, mas que se considera conhecedor de Marinha de Vella, diz que os archeologos fallaram confundindo as vellas da Caravela com as do Cahique.

Vejamos alguns periodos da sua erudita communição:

— Porque não consultaram os maritimos? As vellas são *redondas* e *latinas*. O corte em triangulo não é característico: ha redondas triangulares... e latinas quadrangulares! As differenças não são de detalhes, mas de principio. Ha ainda outras velas, as *indianas*, ou *arabes*, de tal vantagem que ha três mil annos as usam os pangaos. Usaram-n'as as galeras do Mediterraneo. E as *caravellas*, com

duas e tres vellas. O principio indiano da *vella de balão*, que não faz inclinar muito o barco, ao passo que as vellas latinas, — dos *palhabotes* e *cahiques* — as fazem inclinar muito. *Principios contrarios* e não *detalhes*! A *vella indiana* anda por sotavento das *enxarcias* e do mastro, e é peiada abaixo pelo seu *guardim*. A *vella* forma grande bolso, que tende a levantar o barco; mas a manobra de *cambar* é — exactamente como o era a bordo das *caravellas* — conforme lemos em Osorio e em Lopes de Mendonça — é complicada e perigosa. Se o vento sallava a sotavento, a *vella* não se podia arriar e o barco sossobrava, como aconteceu em 1500 á *caravela* em que ia Bartholomeu Dias. A *caravela* só podia *virar de bordo*, passando o vento pela prôa, com muita bonança, como faz o *pangaio*. O principio das vellas de *cahique* e *canoas* actuaes, em que eu já veleguei, é differencia: as vellas andam trocadas e metidas entre o mastro e a enxarcia: a manobra de virar, não tem importancia, porque a *vella* não se *camba*, como as das *caravellas*. Estas vellas modernas não são as das gales, nem dos *pangaos*, mas dos *corsarios* mouros de Argel, com cascos baixos e lastrados, que tinham grande estabilidade e podiam navegar muito inclinados. Ha d'este typo modellos no Louvre e havia um no Museu da Escola Naval que ardeu. Estas vellas são planas, e não podem formar balão: os *cahiques* chegam-se muito á linha do vento, o que era uma vantagem dos *chavecos*, para fugirem ás fragatas dos *cruzeiros*. As alterosas *caravellas* não as aguentavam! Nos desenhos antigos, como no livro das *Armadas*, no quadro da *Madre de Deus*, nos panoramas de Lisboa, no roteiro de D. João de Castro e em toda a parte, emfim, sem discrepancia alguma, a *caravela* apresenta-se com as suas vellas muito enfunadas, formando balão, e *todas* por sotavento de mastros e enxercias, com as vergas *vergadas* pelos *guardins*. Não é preciso ser artista desenhador, nem marinheiro para ver que taes vellas eram *completamente diferentes* das dos *cahiques*: as vellas das *caravellas* eram *vellas indianas*, como as dos *pangaos*! Todas as *caravellas* transoceanicas, as de Bartholomeu Dias, de Colombo, etc., tinham além das taes vellas indianas — que alguns archeologos confundem com as latinas — um pequeno redondo á prôa. As portuguezas levavam a *Cruz de Christo* pintada nas vellas. Estas *caravellas* são mais decorativas e deveriam — talvez — ser ellas as escolhidas para o timbre portuguez da exposição de Sevilha. É um caso a discutir. Mas em qualquer dos casos, a *vella* plana do *cahique*, que se vê no desenho publicado nos *jornaes*, além de representar um *erro* inadmissivel em portuguezes, não podendo estar enfunada pelo vento, em balão, não é decorativa. Cometeu-se um erro tecnico, que prejudica a parte artistica do desenho! A primitiva *caravela*, com as suas duas vellas, não era um do *cahique* do Algarve — era um *pangaio indiano*, quer nas suas vellas, quer até na forma do casco! Mandamos á exposição de Sevilha o desenho de um *cahique*! —

Assim terminou o sr. Almirante Gago Coutinho a sua interessantissima lição de tecnica de *Caravellas* e embarcações parecidas, mandando em seguida o sr. Presidente da Associação, Dr. Luiz Xavier da Costa, ler uma carta do sr. Henrique Lopes de Mendonça que passo a transcrever:

— Ex.^{mo} Snr.—Honrou-me a A. A. P. nomeando-me seu representante no jury de concurso para o timbre da Exposição Portugueza em Sevilha. Era meu intento dar conta do meu mandato na primeira sessão que se realisasse, principalmente depois de se levantarem contradicções ao veredictum do jury, concordante com o meu parecer como archeologo. Por motivos de saude, é-me porem vedado assistir a sessões nocturnas, e até, por deficiencias vocais, tomar nelas a palavra. Por isso, muito brevemente exporei por escrito o que se me oferece sobre o cumprimento da minha missão. Exigiu o programa o desenho de uma *caravela* como motivo essencial de timbre. Sobre as caracteristicas peculiares a esse tipo naval, primitivamente portuguez, tinha eu ha trinta e tantos annos accumulado argumentos e chegado a conclusões que ainda hoje mantenho integralmente, por não terem surgido razões que me façam mudar de parecer. Em

multas paginas dos *Estudos sobre navios portugueses nos seculos XV e XVI* os expuz, são do conhecimento de archeologos das duas nações da Peninsula, e seria fastidioso e impertinente repetir a minha argumentação. Basta dizer que os caracteres especificos apparentes deste tipo naval são em resumo os seguintes: 1.º tres mastros (às vezes dois) com velas latinas triangulares; 2.º ausencia do castello de proa ou alcaçova; 3.º maior firmeza de casco de que nos navios redondos. Era esta a caravela portugueza que tão brilhantemente cooperou nas expedições quatrocentistas. Posteriormente, no seculo XVI abastardou-se o typo, sobretudo pela aposição de pano redondo ora no mastro de traquete, ora no grande. De quarenta e tantos projectos sujeitos ao exame do juri, apenas uns cinco satisfizeram á condição impreterivel. Os restantes tinham desenhos de naus, mais ou menos etelizadas ou fantasistas. Escolheu-se de entre os cinco aquelle que reunia millores condições de exactidão archeologica ás de estetica, sendo estas ultimas sobretudo apreciadas pelos meus colegas artistas. Ignoro ainda quaes as objeções de caracter tecnico em que se baseiam os contraditores. Creio que não pode supri-las, por maior que seja o nosso respeito, a autoridade de um nome aureolado, nem reforça-las com o seu voto uma corporação, digna de consideração, mas destituida de competencia oficial no assunto. Mas não quero terminar sem dirigir o meu aplauso ao Commissario da Exposição pela escolha do simbolo ornamental para o timbre. O pouco aparato da caravela portugueza é que dá a medida da nossa nobresa historica, pela evidente desproporção entre a exiguidade dos meios e a trascendente grandeza dos fins. Fica por estas palavras destruida a unica objecção que particularmente, mas com clareza, ouvi formular a arguentes sinceros. Agradeço á insigne Associação a confiança que em mim depôs, e da qual me resta a consciencia de não ter desmerecido. Rogo a V. Ex.ª se digne apresentar-lhe os meus votos de — Saude e Fraternidade — Lisboa, 1 de Fevereiro de 1928. — (a) *Henrique Lopes de Mendonça*.

Em seguida o sr. Commandante Henrique Quirino da Fonseca que se referiu com palavras de grande carinho e amizade ao sr. Almirante Gago Coutinho e Capitão de Fragata Lopes de Mendonça, resumindo o pleito scientifico havido entre elles sobre a Caravela, disse:

O que é rigorosamente uma caravela? Em architettura naval estamos na ignorancia da definição. As Caravellas empregaram-se em Portugal uns quinhentos anos, pois que encontramos uma referencia a Caravellas no foral da Villa Nova de Gaya datado de 1255 até ao seculo XVII. Conforme as epochas e a sua utilização, as caravellas apresentavam-nos aspectos diversos, desde o barco de pescadores, até ao pleno desenvolvimento da sua função oceanica: houve caravellas de seis, até cem homens de tripulação. Certo é que, reconhecido pelos chronicistas de varias epochas, Portugal teve um typo original destas embarcações. Etimologicamente o que quer dizer caravela? Nos primeiros tempos houve uns barcos mouriscos chamados *Carabus*. No «Livro das naus» apparece esse nome como significando *lagosta*. Pela evolução ou corruptela, teria a expressão *carabo*, redundado em *caravela*? E' um problema de philologos. Que velas teriam os barcos que deram origem ás caravellas? A latina, segundo os mellores chronicistas. Depois os artistas foram estylizando a linha geral desses barcos, e d'ahi a confusão. E' na chronica de João d'Aragão que se vê a primeira citação clara de caravellas. No atlas de João de la Cosa tambem há desenhos de caravellas onde é interessante a singeleza das linhas. Depois de expedições em barcos e barineis, veem as expedições do Infante D. Henrique, que marcam o typo definitivo da caravela, isto é, ligeireza e facilidade de se cingirem ao vento através de correntes formidaveis. Assim na expedição de Bartholomeu Dias já apparecem navios de cincoenta toneladas e algumas navetas de volume importante, que a experiencia ia aconselhando.

Vasco da Gama levou á India o *São Gabriel* com 120 toneladas e o *São Raphael* com cem. Na expedição de Albuquerque, como

n'aquellas, verifica-se que as velas não eram redondas. Fernão Mendes Pinto refere-se ás velas lateraes do barco em que regressou do Oriente. Assim pois, parece difficil marcar um typo inconfundivel de caravellas, que de simples, ao principio, nos apparecem de dois e tres mastros no seculo XVI, ora para poucos, ora para muitos tripulantes. O que é necessario é conseguir um typo de caravela para simbolisar as novas navegações do passado e enviar a Sevilha um desenho dum barco que seja completamente portuguez.

Terminou assim o Commandante Henrique Quirino da Fonseca a que respondeu o sr. Almirante Gago Coutinho, mantendo o seu criterio, dizendo que a divergencia, á falta de elementos seguros, significava apenas uma differença de principios.

Muita sciencia, muita tecnica, muitos conhecimentos historicos e artisticos, mas apenas no decorrer das eruditas licções, se referem levemente á Caravela como simbolo.

O mais o que se pensou foi em definir como technicamente seria uma Caravela, como se n'este momento se encarregasse um pintor de fazer um quadro representando as viagens ordenadas pelo Infante D. Henrique, ou se se quizesse encarregar um estaleiro de construir uma Caravela.

Ainda o sr. Quirino da Fonseca no final da sua referida comunicação disse que o barco que figura no emblema que caracteriza o Commissariado da Exposição em Sevilha, deve ser Portuguez.

Sobre este ponto direi a titulo de simples informação que lá fóra tambem ha certas duvidas sobre a forma e a origem das embarcações antigas e parece que não ha acanhamento de se guiarem pelo que existe sobre embarcações portuguezas, o que afinal não admira visto que muito navegamos e portanto muito aperfeiçamos as embarcações que nos levaram por todos os mares.

Quando em Lisboa se discutia a forma do barco que apparece nas Armas do Commissariado da Exposição de Portugal em Sevilha, passava-se em Sevilha um caso curioso e que vem publicado no jornal *Madrileno A B C* de 1 de Fevereiro ultimo. Vejamos essa noticia:

Sevilla 31, 4 tarde. Su Majestad el Rey, después de despachar esta mañana su correspondencia, paseó por los jardines del Alcázar y salió, a las once y media, acompañado del infante D. Carlos; gobernador civil, Sr. Cruz Conde; alcalde, Sr. Diaz Molero; comandante de Marina D. Carlos Díez, conde de Maceda y otras personalidades.

En el patio de Banderas se encontró con el grupo de turistas norteamericanos que llego ayer. Los turistas se aproximaron para ofrecerle sus respetos, saludándoles el Monarca y conversando amablemente con ellos.

El Soberano, con suas acompañantes, se dirigió al gran hotel Alfonso XIII, recorrió todas las dependencias de las plantas baja y principal y se informó del estado de las instalaciones.

Después se trasladó al pabellón de Sevilla, que se construye en la Exposición Iberoamericana.

Su paso por la calle de San Fernando coincidió con la salida de las cigarreras, que aplaudieron y vitorearon con entusiasmo al Rey. En la visita al pabellón de Sevilla se detuvo en el salón-teatro, formulando algunas observaciones atinadísimas. También visitó las obras

de los pabellones del Perú y de Chile, en los jardines de San Telmo. Desde allí marchó a la plaza de España y efectuó una visita detenidísima; en la galería del hemicírculo de la planta baja examinó uno por uno los bancos de las provincias de España que ostentan, reproducidos en azulejería trianera, los principales episodios históricos de cada provincia. Por la gran escalera de honor, cuya traza y riquísimo artesonado mudéjar, imitación de los existentes en el Alcázar, elogió, subió a la planta principal, y contempló en la sección de Historia dos preciosas maquetas, en corcho decorado, de dioramas que representan el primer desembarco de Colón en América y la recepción de Colón por los Reyes Católicos, en Barcelona, al regreso de su primer viaje.

Los dioramas ejecutados por el artista catalán Sr. Alarma, son obras primorosas, y el Monarca expresó acertadísimas indicaciones de detalle, demostrativas de su vasta y sólida cultura, y recomendó el estudio de los dos grandes tapices de Pastrana que han figurado en la reciente Exposición de Toledo, y en los cuales se reproducen minuciosamente dos carabelas portuguesas, con pormenores tales como el sistema de timón y otros muy curiosos respecto a los instrumentos musicales de la época. A este propósito encomió la competencia y el concienzudo estudio que de la industria naval de entonces ha efectuado el teniente de navío D. Julio Guillén, encargado de la reproducción de la carabela *Santa María*.

Estuvo después en la sección del Libro y la dirección de obras, y examinó los planos y acuarelas de los edificios de la Exposición, entre ellos el de la Casa de la Prensa y una interesante maqueta de la ciudad de Lima en 1887, antes de la devastación sufrida por el primer terremoto, y que está reproduciendo con toda propiedad el doctor Schafer conforme a los planos y estampas de la época.

Luego subió a las terrazas y azoteas del edificio y admiró las hermosas vistas panorámicas que desde allí se disfrutaban, pudiendo apreciar el adelanto de las obras de los distintos hoteles que se construyen con vistas a las necesidades del alojamiento en la próxima Exposición, y que luego serán destinados a viviendas particulares.

El Soberano solicitó detalles de este asunto, dándoselos el alcalde, y mostrando el Rey su complacencia porque una de las Ordenanzas municipales de Sevilla no permitiera la altura excesiva de las casas dentro de la parte antigua de la ciudad, para no quitarle su carácter, teniendo, en cambio, un margen de tolerancia para las nuevas edificaciones fuera del casco de la población.

Por último, el Monarca visitó de nuevo los cuarteles que se están terminando en los terrenos del cortijo de Pineda, y cerca de las dos de la tarde regresó a la capital, marchando a Capitania geral, donde almuerza con Sus Altezas Reales.

La mañana ha sido espléndida de sol, limpia y luminosa, y la temperatura, primaveral, habiendo salido S. M. el Rey sin abrigo.

Una de las observaciones que el Monarca formuló fué al ver que el pendón que lleva Colón es morado; el Monarca dijo no era este el color del pendón, sino rojo, y encargó que, para ratificar, se documentaran en los tapices de Pastrana.

E' para nós de grande interesse tal noticia pois é o primeiro hespanhol, o grande Rei d'aquella Nação onde a Arte e a Sciencia estão tão desenvolvidas, que em presença d'uma peça d'arte, cita como modelo uma embarcação portugueza e como methodo de estudo a seguir, uma obra d'arte como são as tapeçarias que o Rei de Portugal D. Afonso V offerceu para Castilla e que ha seculos se conservam em Pastrana.

Ainda depois de tudo isto, na Sociedade Nacional de Bellas Artes, o sr. Almirante Gago Coutinho fez uma admiravel conferencia sobre a construcção e technica das Caravellas, dizendo que publicaria esse admiravel trabalho.

*
* *

Foi meu principal desejo arrumar aqui estes varios elementos, principalmente pela elevada cathogoria das pessoas que os forneceram e pelos conhecimentos que trazem aos estudiosos.

Heraldicamente porém, não foi o assumpto tratado, quando afinal não necessitava de outro tratamento.

A Caravella como peça heraldica, ainda não existia na heraldica portugueza, se bem que já existia na heraldica d'outros paizes.

A estilisação da Caravella deve obedecer aos mesmos principios que obedece a estilisação do leão, da flor de liz, da aguia, do castello, da rosa, emfim de todas as peças heraldicas que tem a sua caracteristica especial e a sua estilisação mundialmente regulada.

N'um estudo que estou organizando sobre a heraldica naval, apresentarei os modelos mais elegantes dos diferentes typos de embarcação que tem entrado na heraldica.

Em Portugal, além de algumas especies de embarcações mal definidas, que apparecem em algumas armas de dominio como Lisboa, Vianna do Castello, etc., existe



Armas concedidas a Vasco Fernandes Cesar por Carta de D. João III de 22 de Julho de 1539

a fusta na heraldica de familia desde o reinado de D. João III em que foi concedida Carta d'Armas a Vasco Fernandes Cesar, ascendentes dos Condes de Sabugosa, em 22 de Julho de 1539 e que contem fustas.



Se o emblema do Commissariado da Exposição Portugueza em Sevilha tivessem sido estudado heraldicamente, não teria o barco que alli figura a posição que tem ; ou estaria colocado em sentido longitudinal nave-

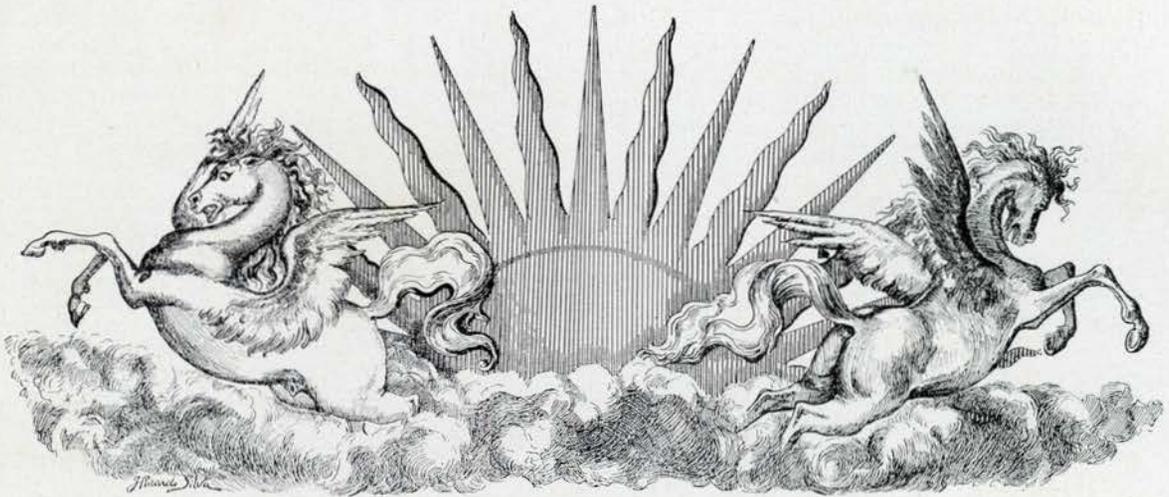
gando para a direita das armas, ou no caso de ter uma posição a tres quartos, navegaria sahindo das armas de Portugal, mostrando que fomos descobrir, e não entrando nas armas de Portugal, parecendo que vamos ser descobertos por outrem.

Emfim são pequenas coisas que obedecem a certos principios que não ha obrigação de serem do conhecimento de todas as pessoas.

A ideia é bella, a arrumação é que pode merecer estes reparos.

A. D.





Navios Portuguezes Antigos

POR ocasião da discussão havida na imprensa e das comunicações feitas na Associação dos Archeologos Portuguezes e na Sociedade Nacional de Bellas Artes sobre a construcção e manobra da Caravella, quando do concurso para o emblema do Commissariado da Exposição Portugueza em Sevilla, disse-me a Senhora D. Maria Germana Braz d'Oliveira, filha do fallecido almirante Sr. João Braz de Oliveira, que possuia um exemplar da obra de seu pae «Influencia do Infante D. Henrique no progresso da Marinha Portugueza navios e armamentos», Lisboa, 1894, com desenhos originaes do mesmo auctor, representando as diferentes embarcações do passado.

Conhecedor de alguns trabalhos litterarios e artisticos do Almirante Braz de Oliveira, de quem fui um grande admirador e um respeitoso amigo, tive grande desejo em conhecer os desenhos originaes que illustravam um unico exemplar da obra citada, pedindo immediatamente licença para os publicar no Elucidario, o que me foi permitido.

Quando da Commemoração do Centenario do Infante D. Henriques, foi o então capitão-tenente da armada João Braz d'Oliveira, convidado a fazer uma conferencia no Club Militar Naval, a qual se efectou em 23 de fevereiro de 1894.

Foi esta conferencia publicada com o titulo acima e foi em um exemplar da mesma obra, offerecido pelo Almirante Braz d'Oliveira a sua Esposa e seus Filhos, que

o seu auctor juntou os bellos desenhos que fez, de cada um dos barcos de que trata.

E' d'este exemplar unico e de grande valor estimativo que eu vou extratar os elementos necessarios para o completo conhecimento de cada um dos barcos reproduzidos.

O primeiro desenho serve de portada e tem a dedicatória, depois, a seguir ao rosto, escrito pelo proprio punho do auctor, tem o seguinte:

— D'esta conferencia tiraram-se 203 exemplares em edição — separata — sendo trez em papel especial. Este é o exemplar N.º 1, unico illustrado com 16 desenhos feitos pelo auctor. Lisboa, junho de 1894. (a) João Braz d'Oliveira.

Primeiro porém, que vá transcrever o que disse o Almirante Braz d'Oliveira, vou dizer alguma coisa sobre este eximio desenhador e erudito archeologo naval e historiador, conforme se verifica pela grande quantidade de trabalhos de grande merecimento que deixou.

João Braz d'Oliveira nasceu em 11 de Março de 1851 e sentou praça na Armada em 3 de Agosto de 1869, sendo promovido a Guarda Marinha em 2 de Outubro de 1872 depois de já ter feito o curso preparatorio de Marinha da Escola Politechnica e o da Escola Naval.

Fez serviço por vezes na Fragata D. Fernando, cor-

veta D. João I, corveta Duque da Terceira, corveta Sá da Bandeira, canhoneira Sado, corveta Rainha de Portugal e transporte India. Fez estações em varias das nossas colonias e foi louvado pelos seus grandes serviços.

Foi instructor de artilheria e infantaria na Escola Naval, ajudante da Companhia de Guardas Marinhas, Vogal dos Conselhos de Guerra, Defensor e depois promotor nos mesmos Conselhos, professor de desenho hydrographico, architectura e machinas na Escola Naval, Director interino, Commandante e Lente da mesma Escola e desempenhou ainda outras commissões.

Possuía os graus de Cavalleiro e Commendador da Ordem Militar de Aviz, medalhas de exemplar comportamento e de philantropia e caridade.

Falleceu em 12 de Setembro de 1917, deixando saudosas recordações em todos que tiveram a felicidade de conhecerem as suas exemplares e exceptionaes qualidades de bondade e de caracter.

Vejamos os seus bellos desenhos. Da sua apreciavel opinião sobre cada embarcação, vou transcrever a parte que me parece indispensavel.

Depois de largas referencias ao Infante D. Henrique, á sua obra e ao seu tempo, diz :

Em rapido esboço indiquei o primeiro periodo das descobertas, e a largos traços queas as primeiras embarcações. Barcos de pesca, em geral bem modestos e deficientes foram-se pouco a pouco modificando e melhorando.

Podemos distinguir tres typos como sendo os principaes : a *barca*, *barinel*, a *caravela*, e d'elles farei mais minuciosa descripção. N'este navegar cauteloso pelos mares do passado ainda tão pouco conhecidos, buscarei piloto acreditado para ajudar em derrota tão difficil. Rediro-me aos *Estudos sobre navios portuguezes*, do meu bom amigo e camarada Lopes de Mendonça, trabalho que mereceu a consideração de naturaes e estrangeiros, e por elle apresentado na celebração do centenario de Colombo.

BARCA.—A palavra barca é geralmente empregada como designação de embarcação de pequena tonelagem. Não quer isto dizer que em nossos dias não se applique conjuntamente a um navio de vela de grandes dimensões. Diz-se a barca de agua, a barca de luzes, a barca de passagem, e aqui *barca* é empregado como significando

embarcação, acontecendo ainda n'este caso não ser embarcação de grande lote. Julgo *barca* ser alteração da antiga palavra *bracha*, ou traducção de *barge*, que tambem significava barca, esquife ; ou de *barque*, *bark*, *barkje*, embarcação pequena e sem gaves, destinada a levar mantimentos, e a servir á carga e descarga de navios.

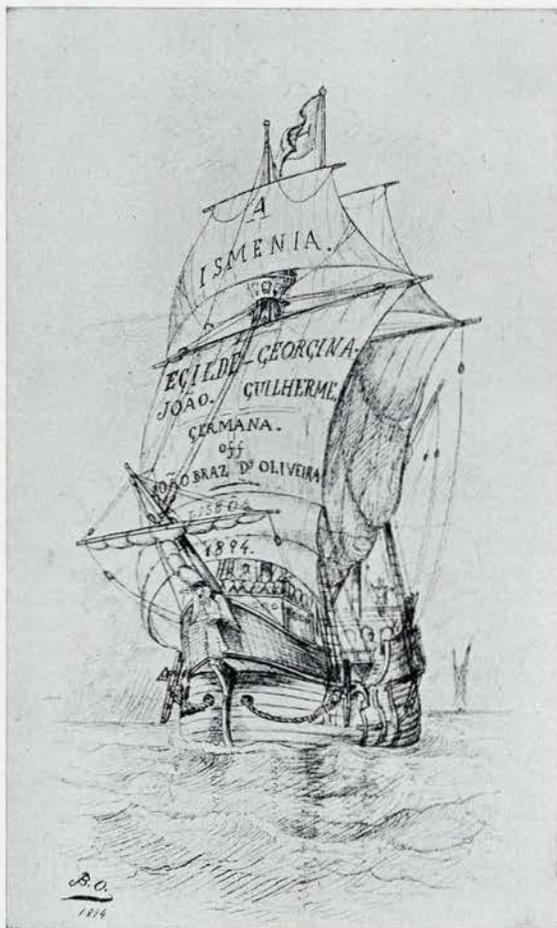
Os inglezes tão conservadores das suas tradições, chamam a *barcha do lord-maire* a uma embarcação ligeira e comprida, especie de galeota de gala, que figura no cortejo fluvial da municipalidade, por occasião de festa no Tamiza.

A barca julgámos ser originaria das nações do norte. Os *drakars* e *snekkars* dos escandinavos e normandos, os navios dos

vikings parecem ser do typo primitivo. No Sandefjord, perto de Christiania, encontrou-se em 1880 uma perfeitamente conservada, de 75 pés de comprimento, 16 de boca e 5 de pontal. Podia levar cem tripulantes, e navegar á vela e remos. Os normandos visitaram as costas da Península, e as naus e barcas dos cruzados vieram muita vez a Portugal, auxiliando os nossos primeiros monarchas nas guerras contra os mouros. Parece-nos provavel que a barca da península reproduzisse em grande parte aquelle typo de navio. Seriam embarcações de pequeno porte, talvez de 20 a 25 toneis, em geral de boca aberta, ou de uma só coberta quando se construíam para viagem larga. A relação da boca para o comprimento variava $\frac{1}{4}$ a $\frac{1}{5}$, e de pontal muito pequeno. A ré e a pròa era aguçada, e arvorava em geral um só mastro de muita guinda com uma enorme vela de pendão. A barca normanda governava com um remo de espadella nas alhetas por um e outro bordo, e depois adoptou-se um leme parecido com os dos saveiros, sendo a cana de governo atravessada, e com talhas de gualdropes nos extremos.

Um dicionario de marinha que possuo, publicado em Amsterdam em 1702, entre muitas cousas curiosas diz acerca da barca algumas indicações que me parecem de valor.

«Barca longa é uma pequena embarcação de boca aberta, mais pequena e de menos borda que a barca ordinaria, aguda avante, e que póde navegar á vela e remos... A barca do Mediterraneo tem velas latinas, os hespanhoes teem umas barcas de forma especial, e muito vulgares n'esse paiz. São optimas veleiras, para o que teem as linhas de agua a ré e avante muito finas, o que as torna muito agudas. O leme governa á mão por meio de gualdropes. A vela é de guinda extraordinaria, pelo que é necessario trazer muito lastro de pedra. E' muito incommodo manobrar a vela, sendo necessario arrial-a para cambar de bordo. E' um immenso trapezio invergado n'uma verga redonda, tendo toda a guinda do mastro, e a esteira amura e caça como a de um traquete redondo. O mastro é vertical, anda a meio, e de comprimento igual á quilha. Ordinaria-



Portada de numero unico illustrado da «Influencia do Infante D. Henrique no Progresso da Marinha Portugueza, navios e armamentos» por João Braz de Oliveira



Barca — 1430

mente tem de 30 a 39 pés da roda ao cadaste, 8 a 9 pés de boca, e 5 pés de pontal. Oito, dez, treze ou quatorze são os tripulantes ou pouco mais, conforme o tamanho e o serviço. A borda é volante, podendo desarmar e cruzar quatorze remos. Para viagem larga pôde armar dois mastros, sendo o de proa mais pequeno. E' barco para tempo bonançoso, porém sobre vindo tempestade arria e desarma o mastro grande, indo o de traquete substituí-lo, içando uma véla com a qual resiste ao temporal.»

Uns desenhos antigos que temos visto, e alguns da archeologia de Jal, parecem confirmar a descripção que temos feito. Surprehende ver um *drakar* do seculo XI usando na véla trez forras de rizes. Um só mastro vertical, e em geral de cesto de gavela, e sempre a meio, é um dos característicos principaes. O sello da cidade de Dam, e outros documentos são indícios semilhanes.

Julgamos provavel serem parecidas com as barcas de Hespanha as barcas portuguezas do tempo do Infante. Ainda hoje a *barqueta* da Madeira parece affirmar o que fica dito. Imitação e redução talvez das antigas barcas, cruza destemida a carreira da Madeira a Porto Santo. Modesta, humilde, assidua no rude trabalhar, os seus tripulantes decerto ignoram os velhos pergaminhos fidalgos da *barca* de que talvez seja descendente.

Foi n'uma d'estas pequenas embarcações, que em 1434 se realizou um dos feitos mais importantes para a historia das descobertas. Gil Eannes dobrou o cabo Bojador. «*Perecia cousa estranha aos mareantes apartarem-se do rumo que levavam e seguirem outro tanto para oeste.*»

Baixo, pedregoso, e coberto de dunas na sua parte meridional, vaee correndo em disfarçada descida para o mar. A vaga barrenta escura flo-reando na praia dá-lhe um aspecto triste e car-rancudo. Atalaya avançada do deserto marcava um dos terminos do mundo. Quebrada a lenda que o defendia, na esteira da barca de Gil Eannes singraram depois as ousadas caravelas.

E' para notar como com tão pequenos meios se conseguiu tanto. Por isso quando os navegadores apresentaram ao Infante D. Henrique, como mostra d'aquella terra deserta e desabrida, as pallidas rosas de St.ª Maria colhidas alem-cabo Bojador, diremos como um grande poeta: tinham conquistado o trevo fatidico das tres folhas, o ramo encantado com que haviam de abrir as portas da India, o sonhado paraizo oriental.

BARINEL. — A'cerca do que bem fosse esta embarcação, não colhi elementos para positivamente a definir. De *barinus*, especie de peixe, ou de *baris* embarcação de transporte muito veleira, de que usavam os egypcios, dizem alguns que lhe provém o nome. Divergem os auctores, chegando a considera-la simplesmente como embarcação de remo. Parece, porém, pela terminação *el* italiana assim como em *navichel*, ser de diminutas proporções. Não ha duvida que foi usada no Mediterraneo no serviço de pescaria, e que Bartholomeo e Antonio de Noli, quando vieram para o serviço do Infante, trouxeram um barinel comprado em Genova, como proprio para a exploração da costa africana. D. Francisco Manuel, nas *Espanaphoras*, diz ter sido semelhante ás varinas sutis ainda usadas no seu

tempo. Vencido que foi o cabo Bojador mandou novamente o Infante a Gil Eannes na sua barca, e n'um barinel a Affonso Gonçalves Baldaya, para proseguirem na viagem para o sul.

Julgo o barinel de maior tonelagem do que a barca, e para conciliar um pouco as diversas opiniões, talvez de proa alterosa e recurvada similhando a das meias luas ovarinas, a popa de painel, o leme de grande porta, á ré talvez um tendal para servir de abrigo, e arvo-rando dois mastros com sua véla redonda de arriar, e podendo armar



Caravellas — 1436

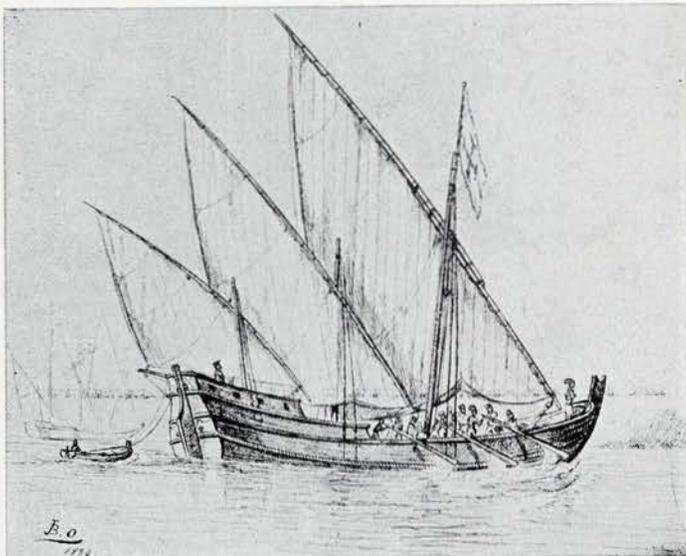
remos para poder navegar em tempo bonançoso. Quando me lembro ser esta a embarcação escolhida para ultrapassar o Bojador, o que leva a crer ser mais própria para o mar do que a barca, e conhecendo a persistencia do vento dos quadrantes do norte, n'aquellas regiões, admiro-me que se apparehasse um navio com velas redondas das quaes a grande raramente serviria andando a um largo, ou á popa para o sul; e que na torna viagem para o norte, não eram das melhores para ganhar para barlavento,

Outros argumentos tirados da navegação dos genovezes no Mediterraneo me poderam levar a não accellar como provavel a armação redonda, mas sei tambem que n'aquellas epochas só boas embarcações latinas eram as caravelas de Portuga e as galés de Roma, e por isso sem norte seguro para navegar n'este mar de hypotheses, que todas mais ou menos se podem combater, mau grado meu, deixarei o barinel envolto nas brumosas lendas d'aquelles velhos tempos, affirmando simplesmente que o seu emprego foi util e glorioso para a epopéa da marinha portugueza.

CARAVELA. — Surge a caravela, cujos serviços valiosos bem lhe garantem o direito de symbolisar a epocha das descobertas. Foi ella que permittiu commerciar mais largamente, e adeantar os progressos da sciencia, affrontando as viagens no mar largo. Mereceu o seu estudo a attenção de illustres escriptores, e agora vae ainda figurar nas festas do Porto, como personificação das illustres tradições da marinha nacional.

Foram estes os navios preferidos para as viagens da Guiné, e para a conservação do monopolio do commercio fez-se astuciosamente divulgar pela Europa a sabida lenda, de que só Portugal possuia latinos bem possantes para arrostar o vento e as correntes d'aquellas remotas regiões.

A caravela é de origem mourisca, de armação latina como são as embarcações da costa mauritana proprias para a navegação de cabotagem. Modificada e melhorada para a viagem larga, quasi se póde



Caravela — 1460

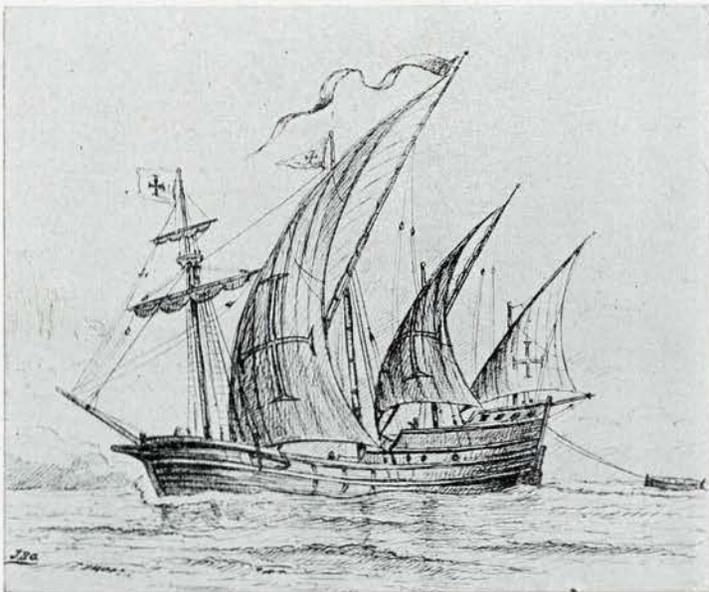
considerar como um typo novo, e exclusivamente portuguez. Um quadro gothico pertencente ao mosteiro da Madre de Deus em Lisboa representando o desembarque de S. Aute, o livro das fortalezas por Duarte d'Armas, os mapps de Juan de la Coza, os desenhos de Beninc, as chronicas nacionaes, e os navios latinos de alguns mapps dos *Souvenirs de marine* do almirante Paris, vão servir-me de auxiliares para a descripção da caravela.

O seu porte era proximoamente de 50 a 150 toneis, e a relação entre o comprimento e a boca de 3:1, e ás vezes mais.

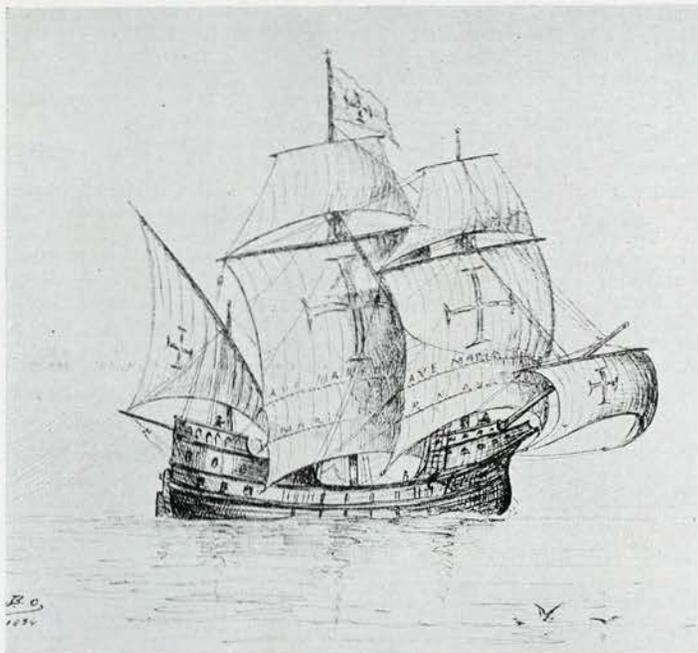
Vem a proposito recordar que o *tonel* antigo servindo de base para a avaliação da tonelagem, era o volume de um tonel de 6 palmos de comprimento, *talha* então se chamava, correspondendo a 1 braça, ou *rumo* como a bordo se dizia, e de 4 palmos de diametro, *parea*, na maior largura.

A caravela da Madre de Deus é de aspecto grosseiro e faz lembrar as embarcações da pesca. O casco cingido de cintados, a roda bojando para vante, o capello saliente e recortado, corrido de convez e somente a pôpa de painel altamente acastellada em dois pavimentos, o mais alto dos quaes, o *chapiteu*, rasgado de vigias, não parece indicar que fosse bom veleiro. Attendendo porém no apparelho percebe-se que se devia chegar para barlavento. A meio um alto mastro levemente inclinado para vante cruza uma enorme verga latina, cujo carro se debruça sobre a borda, e a véla de grande aluamento vem caçar perto das alhetas. No chapiteu um mastro pequeno desfralda um latino mais modesto, e o punho vae a beijar o lais do botolô. Leva pela pôpa atoadado um batel maneiro, e da roda para a verga, e no tope do mastro grande umas bandeiras tremolando.

Pelas descripções antigas d'estes barcos sabemos que o fundo era de linhas mais delgadas do que o das naus; a casa mestra um pouco avante da meia quilha. Dos mastros só o maior tinha a carlinga no porão, e a primei-



Caravela redonda — 1512



Nau redonda — 1498

ra tilha com muito tozamento não excedia em altura 7 palmos. Igual dimensão era a do lado da escotilha, para por ella entrar o tonel de aguada, e bem assim conhecemos alguns ligeiros detalhes que nos levam a crer seria navio pouco commodo, o que não surpreenderá quem ainda navegou nos navios de véla d'este seculo, como o *Villa Fior*, o *Serra do Pilar*, a *D. João*, onde nas cobertas a altura não excedia d'aquellas vetustas construcções.

Tal parece ter sido a primitiva caravela, e quando foi necessario obter mais espaço para a carga do marfim, e sobretudo para o trafico de captivos, fizeram-se maiores, de tres e até de quatro mastros.

Tendo-me referido a quadros e a desenhos devo advertir, que mal governado vae em busca da verdade quem piamente acreditar em tudo quanto vir. Pintados por quem das cousas do mar pouco sabia, tem o aspecto geral, mas toscamente debuxado. Muitos d'elles se fossem reconstruidos como figuram nos mappas e portulamos, com certeza nem podiam fluctuar.

Com taes embarcações, reinando D. Affonso V e depois D. João II, proseguimos, ainda que lentamente, no caminho para o sul.

Pedro de Cintra, Fernão Gomes e os seus pilotos, Sequeira, Lopo Gonçalves, Diogo Cam completam o reconhecimento da Guiné, da Mina, do Zaíre, do Congo, das uberrimas ilhas equatorias, e do littoral de Angola até á longiqua Manga das areias. Em 1486, mais de meio seculo depois do inicio das descobertas, quatro pequenas caravelas do rio de Lisboa, ao mando de Bartholomeu Dias e João Infante, passam alem da meta austral da terra africana, a alcançtilado Tormentorio, o cabo da Boa Esperança como depois lhe chamaram, adivinhando ser por ali o caminho da India.

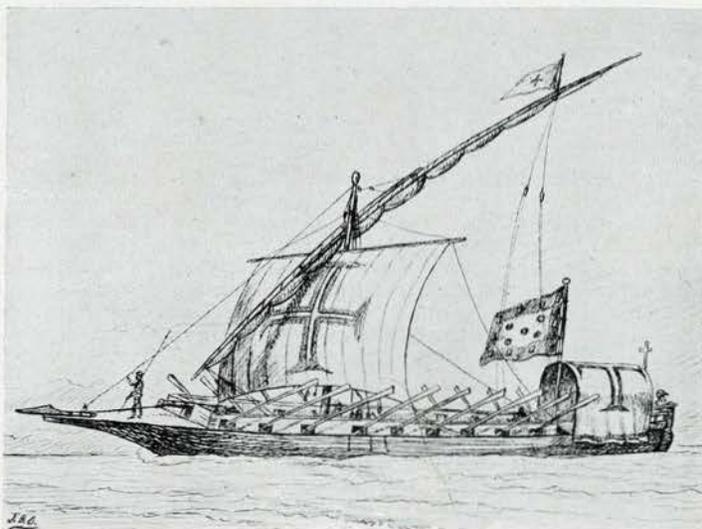
Por aquelles tempos faziam-se os navios na ribeira de Lisboa, no Porto, em S. Martinho e

no Algarve. Era na praia que se erguia o estaleiro apropriado, que não foi decerto carreira de marmore bem lavrado, de vasto arsenal defendido por couraça amuralhada que ligasse a cerca da cidade com o rio. De proa ao mar ali se construíam, e quando cresceu muito a tonelagem, logo que estavam promptos até á primeira tilha e estanques para poderem fluctuar, se procedia ao lançamento, completando já a nado o resto do fabrico e apparatus. Rijamente construidos de carvalho, de pinho, e de algumas taboas de sobre, pregados a cobre e raramente a ferro, toda a preocupação do mestre consistia em fazel-os fortes e seguros. A velocidade é condição moderna. Trazer a carga a salvamento aproveitando a monção para navegar, varar em terra para limpar o fundo, ou invernar sem alquebrar o casco, taes os problemas que pensavam resolver. Nem as curvas graciosas, as cores brilhantes, as rendilhadas talhas das popas ornamentaes preocupavam ainda os marinheiros. O negro aspecto do embreado casco satisfazia as regras de arte d'esse tempo; guardava a madeira do ar e humidade, e portanto era receita primorosa.

Mais tarde havia de figurar na armada o *Monte de oiro*; então navegava-se buscando o modo de adquiril-o.

De larga applicação e utilidade eram os pinhaes e matas do reino, e o pinho de Alcaicer alcançara fama bem cabida. Será, diz Fernão Diniz, um pinheiro de Leiria hastingado o pendão da cruz que resistirá ao esforço da procella, quando Bartholomeu Dias dobrar o cabo das Tormentas.

Em mares onde fosse frequente haver mau tempo tornava-se pesada e perigosa a manobra dos latinos, não obstante as vergas arriarem, e modificar-se o velame envergando nos mastros vélas triangulares, ou ás vezes inçando pano redondo, como parece que faziam os barcos genovezes. Apesar de serem navios propriamente de véla, em calma armavam remos, como ainda fazem as escunas e cahiques. O batel a reboque pela popa e a boça a todo o comprimento facilitava a capa rigerosa e só por excepção tentavam a corrida. Algumas indicações dos-trabalhos de Paris vem confirmar esta manobra.



Fusta — 1540

Notaveis são as viagens das antigas caravellas; mas ao louvar os seus audazes tripulantes não esqueçamos que ainda hoje os cahiques do Algarve, os quaes tanto com ellas se parecem, as repetiram já indo ao Brasil levar a nova da retirada dos francezes, já emprehendendo magnificas derrotas até ao Porto Alexandre, ao sul de Angola, explorando a pescaria.

NAU.—Depois da morte de D. João II, tratou D. Manuel de concluir a expedição que já se organizava para passar á India, como complemento das viagens anteriores. Foi para tal escolhida a nau redonda, e Vasco da Gama para capitão.

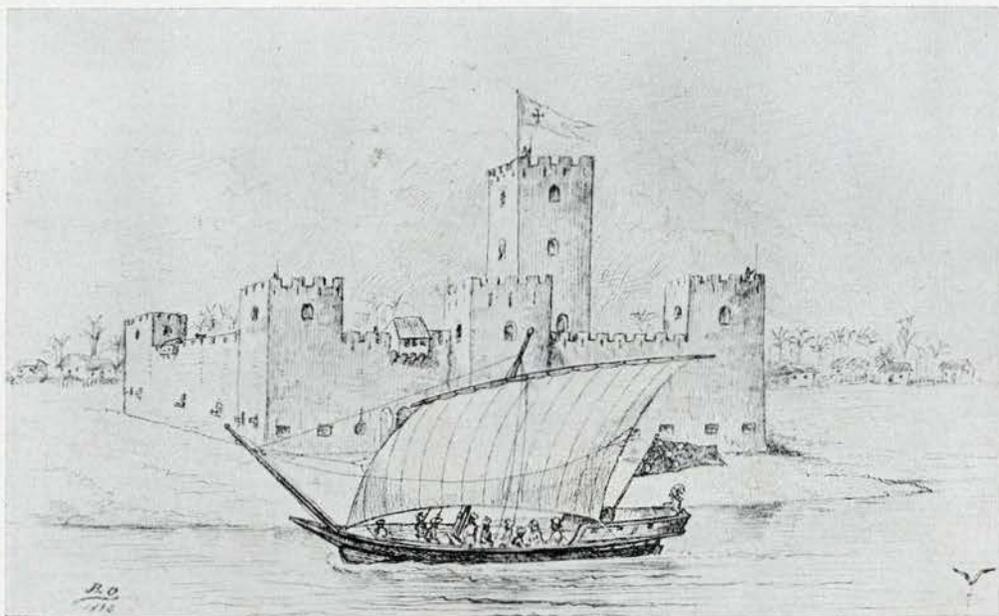
De duas naus e uma caravella se compunha a flotilha, e a S. Gabriel, a S. Raphael e a Berrio vincularam os seus nomes a este feito memoravel, diamantina corôa que vinha aureolar a memoria do Infante, e de que D. Manuel o Venturoso havia de auferir o beneficio. Bem conhecidos são os detalhes da derrota, as peripecias da estada em Moçambique, em Mombaça, em Melinde, e em Calecut. A volta queimaram a S. Raphael n'um baixo a que legou o seu nome por memoria, e a Berrio e a S. Gabriel aferraram a salvo o patrio Tejo.

da bôca para o comprimento era de 3:1 e ás vezes menos, e sendo as primeiras naus, segundo a regra, de fraca tonelagem 100 e 120 toneladas, attingiram 890 toneladas e muito mais quando depois a nau se transformou em galeão.

Se attendermos a que a tonelagem se avaliava *sob o primeiro tilhado* e de modo pouco rigoroso, não nos enganaremos muita se as avaliarmos á moderna, duplicando a lotação que nos dizem os cronistas.

A nau portugueza era em geral de duas cobertas. A primeira corrida de ré a vante abrigava o porão da carga, os toneis de aguada, os paños dos mantimentos, dos cabos, do panno, da pólvora e artigos de fogo então em voga na marinha. A segunda constituindo á proa o pavimento do castello, formava á ré a *tolda do capitão* cobrindo a *alcaçova dos bombardeiros*, e á popa em outro pavimento avultava o *chapiteu*, que servia de alojamento ao commandante. *Agasalhados* para a gente não havia.

Dormiam pela tolda e convez á chuva e vento, e só o mestre e o piloto, em acanhados camarotes, gosavam o invejado privilegio de



Catur Fortalezinha de Calecut — 1520

Honra semelhante á nau *Argus* bem merecia a S. Gabriel a fulgir no firmamento.

Muitas são as fontes da historia onde colher elementos para com algum rigor se descrever esse navio. O *Livro das armadas*, o *Esmeraldo, de situ orbis*, os desenhos do visconde de Juromenha, os roteiros de D. João de Castro e outros, podem ser consultados com proveito. N'uma memoria: *Os navios de Vasco da Gama*, já dos camaradas conhecida, eu detalhadamente estudei esta questão. Procurarei agora resumir quanto possível, e dar uma breve idéa do que fosse a nau redonda.

Imaginae o casco de uma grande caravela em que a proa fosse alterosa e previamente acastellada, adornada de um curto beque recurvado, e a linha da borda em curvas caprichosas segundo os pavimentos; ou melhor ainda escolhei um dos bojudos cascos dos pontões reforçado por prodigos de madeira, acastellae a proa e popa dando ás obras um grande amassamento, e tereis o aspecto sombrio e alteroso das nossas primitivas naus da carreira da India.

Do livro de Falcão e de outros mais concluiremos que a relação

possuirem casa propria. No cadaste da popa de painel sobressahia o leme, e por cima um modesto varandim iniciava os jardins e varandas das orgulhosas naus dos seculos posteriores.

Armavam tres mastos: o do traquete no castello, o grande a meio, ambos inteiriços e de gavea, cruzando vergas redondas de traquetes de gavea e papafigos; e no chapiteu arvorava a mezena, e pela proa muito arrufado sahia o gurupeza da cevadeira. Aos custos de gavea era o nome bem cabido, dentro d'elles se ferravam os traquetes, vélas então sem importancia.

As vélas mestras amainavam sobre a borda, e para lhes augmentar ou diminuir a superficie coziam ás esteiras as *monetas*, onde estavam pintados letreiros piedosos, *Ave Maria*, *Ave Maria Stella In hoc signo vinces*, ou só as iniciaes P. N. A. M. G. P. *Padre nosso*, *Ave Maria*, *Gloria Patri*, para não haver enganos no envergas das vélas.

Era velha usança em todas as marinhas ostentar nas vélas divisas e brazões heraldicos para de longe se reconhecer a nacionalidade. As naus e galés portuguezas traziam nas principaes pintada de côr vermelha a cruz de Christo.

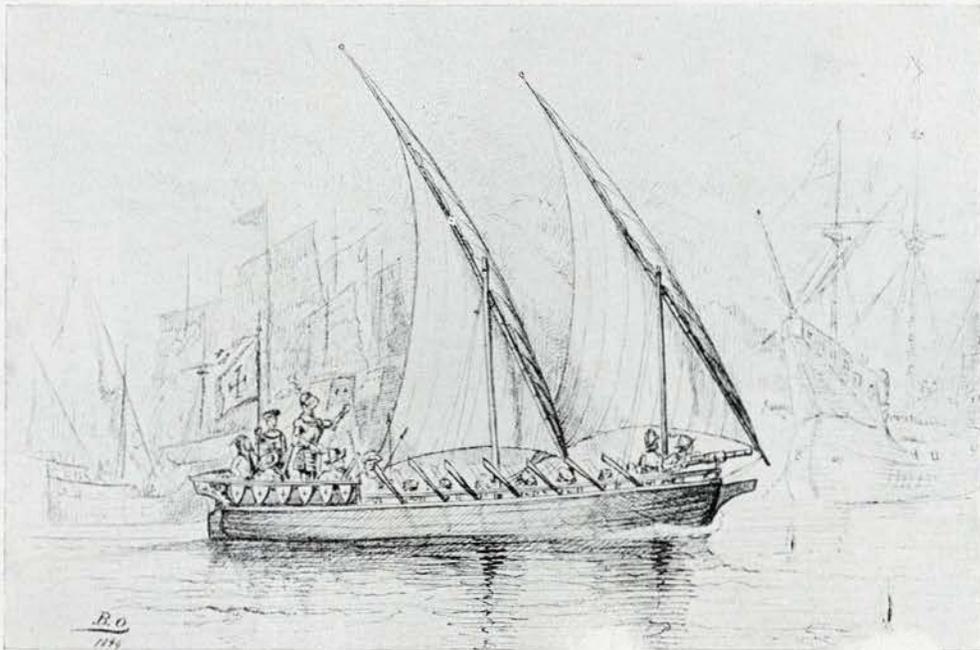
Gloriosa é a historia d'estas naus, já como navegadoras, já como guerreiras entrando em todos os combates. Breve as veremos contribuir para a formação de um imperio ultramarino.

Com a descoberta do caminho da India termina o periodo mais brilhante da historia dos descobrimentos. Agora além do amor da sciencia vão entrar na lide outras idéas de dominio e de commercio, e a frota de Cabral irá inaugurar o periodo da conquista.

Não cabe no curto espaço de uma conferencia tratar de todos os pontos que se liguem com o assumpto principal. Não seria fóra de proposito fallar da eterna questão da prioridade dos descobrimentos, porque os francezes teimam em os attribuir aos marinheiros de Dieppe. Foi em 1669 que Villaut de Bellefond n'um livro *Relations des côtes d'Afrique appellées Guinée* se lembrou de vir quebrar lanças pelos seus patricios, em menosprezo da gloria portugueza. Gratuita foi esta asserção, e tanto bastou para Manesson, Lacroix, Corneille, Rollin e outros a repetirem. Se a alguém ainda restasse duvida a tal respeito, bastava consultar a obra patriótica do visconde de Santarem

ros da sua artilheria a cidade indiana que acolhera mal os portuguezes. Voltaram as naus abarrotadas de custosa especiería, e a despeito de tormentas, naufragios e pelejas, começou definitivamente a conquista da India. Logo se seguiram varias frotas ao mando de celebrados capitães, e as cidades e mares de Africa e Asia viram com assombro os navios portuguezes.

Em quinze annos chegára ao apogeu da gloria o nosso imperio. Duarte Pacheco com incriveis victorias glorificava o nome lusitano; D. Francisco de Almeida vencendo os rumes tornava esse nome mais temido, e Albuquerque conquistando Goa, Malaca e Ormuz, com profundissimas raizes deixava arraigado o nosso imperio, deslumbrava o oriente com o esplendor das victorias, e a sua obra incrível e immortal realisava finalmente o plano gigantesco do illustre Infante D. Henrique, que o seu genio colossal soubera comprehender e sentir com todos os entusiasmos de uma alma privilegiada, a despeito de mil entraves e intrigas, que a sua vontade de ferro conseguiu esmagar e derruir. *Mal com os homens por amor do Rei, mal com o Rei por*



Brigantim — 1510

para de todo a dissipar. Nem em tempo apropriado, quando ainda as caravelas prosseguiam no seu lidar possante, consta ter a côrte de França ou de Inglaterra protestado contra a bulla de 13 de Março de 1456 concedendo a ordem de Christo a jurisdicção espirital de todas as terras desde o cabo Não até á India; nem tão pouco o tratado de Tordesilhas deixou de dar a partilha do mundo ás corôas de Hespanha e Portugal.

Nobres e venerandos monumentos pelo muito que significam, modestas columnas de marmore ostentando as quinas e a cruz carcomidas pelo passar do vento de quatro seculos, e pelo escarcou da vaga enfurecida, os padrões portuguezes erguidos por toda a costa de Africa, Brazil, além Ganges, e nas Molucas, são como marcos miliarios attestando a nossa gloria intemerata.

Em Março de 1500 largou do Restello a primeira armada que em tom de guerra passou á India. Alvares Cabral ia de commandante, e com varia fortuna em Setembro surgiu em Calcut, tendo perdido pelo temporal metade dos navios. Descobriu a terra do Brazil, firmou tratados com os rajahs de Cochim e Cananor, varejou com os pelou-

amor dos homens, ainda assim tivera a inestimavel ventura de ver no zenith a gloria portugueza. Um seculo mediára entre Ceuta, e a morte de Afonso Albuquerque, o leão do mar, que assombrára o mundo. Ceuta é o hastear das quinas na plaga africana; Ormuz o titulo primoroso aclamando D. Manuel senhor da India, da conquista, da navegação, e do commercio da Ethiopia, Persia, Arabia senhor do reino e senhorio de Goa, do reino e senhorio de Ormuz, do reino e senhorio de Malaca.

A Persia, a China, a Abyssinia tinham-lhe mandado embaixadores. Perdera a Senhoria de Veneza o monopolio do commercio do oriente; circundavam a Africa e os mares da India as velas portuguezas. Lisboa era o primeiro imporio do mundo e a cruz levada pelo missionario brilhava pura e radiosa a par da espada do guerreiro.

Influencia da escola lusitana, talvez ainda da tradição do Infante D. Henrique, os Côrtes Reaes chegavam ás praias do Lavrador, Colombo, Vespuccio, e Fernão de Magalhães colhiam para estranhos mais ditos as palmas de portentosas descobertas.

Qual foi o material naval empregado nas luctas homericas do

Oriente? Em rapido resumo diremos o que foram: fustas, catures, galés, galeotas, brigantins, galeças, taforeas, galeões, carracas e outros navios d'esse tempo.

FUSTA. — Pequena embarcação comprida e de pouca bocca, de borda direita, e a proa de beque longo armado de esporão, cruza de dez a vinte remos nos dois bordos, e a meio tem um mastro de latino, podendo tambem lçar redondo.

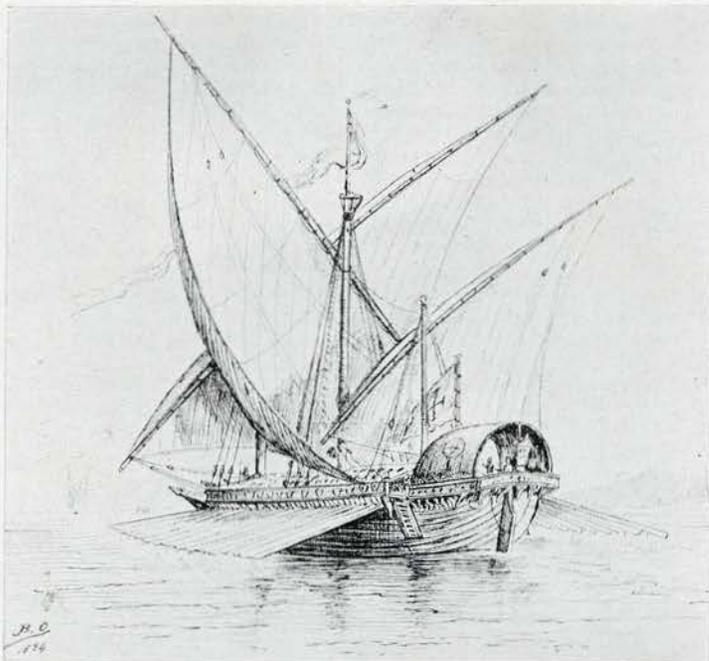
Nas *Lendas de Correia*, nos *Roteiros de Castro* ha varias fustas desenhadas. Teem tendal à ré, e alguns pavezes pela borda. A fusta foi muito vulgar entre mouros, e de lá parece ter-se generalisado no Mediterraneo, e na costa oceanica da peninsula. Muito figurou em expedições de guerra, e no oriente foi empregada pelos nossos marinheiros. Eram construidas no arsenal de Goa, e n'outras praças, e a relação do comprimento para a bocca seria de $\frac{1}{6}$, e demandavam pouca agua.

Foram notaveis as fustas do Adriatico pela sua solidez, e fórma graciosa. As nossas sem serem de tantos primores, eram solidamente construidas como armas para a guerra, e sem o luxo da marinha de Veneza.

Sendo de grande comprimento e de insignificante pontal é claro não podiam ter coberta, arrumando-se a aguada debaixo da xarreta, e os mantimentos em paletes volantes á amurada. A ré e a vante tinham chapiteu e castello parecido com o das fragatas da navegação fluvial.

Na historia das fustas é celebre aquella em que Diogo Botelho Pereira veiu em 1535 de Cochim a Lisboa dar a nova da fundação da fortaleza de Diu. De 22 palmos de comprido, 12 de boca, e 6 de pontal demonstrou de quanto poder foi a energia de um piloto habil fazendo tão longa viagem em lenho de tão pouco valimento.

Em 1542 as fustas em que Manuel de Vasconcellos foi a Massuah espíar os rumes, tambem fizeram uma campanha memoravel. Caçadas



Galé — Seculo XVI

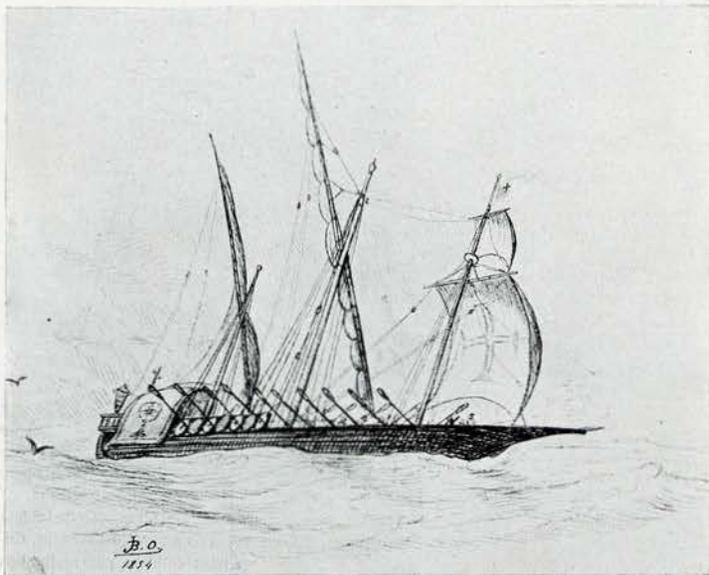
pelas galés dos turcos, que por vezes as tiveram quasi debaixo da gorja dos esporões, por habeis manobras em que se jogava a liberdade e a vida, á força de pericia e de coragem conseguiram cumprir o seu regimento, e a despeito de uma perseguição constante sahir as portas do Estreito pelo canal do Abexim, e aportar a Goa dando nova da frota que o sultão aprestava para enviar a Diu a derribar a nossa fortaleza.

CATUR. — «Navio pequeno, muito recurvado e agudo nos extremos, o qual traz uma véla de esteira.»

ALMADIA DE CATHURI. — «É um barco da Índia de 80 pés de comprimento, e 6 a 7 de boca. A popa é de painel. M. Witten diz: ser esta embarcação a que antigamente chamavam cathuri. Eram barcos de Calecut de 12 a 13 passos de comprido, agudos nos extremos, e navegando á véla e remo com grande velocidade. O rei de Calecut em tempo de guerra armava duzentos a trezentos d'estes navios.»

Foi esta ligeira embarcação aproveitada pelos portuguezes os quaes a modificaram, principalmente a véla que foi de lona em lugar de siba. Parece tambem lhe juntaram á proa o esporão vulgar nas fustas e galés, e isto digo por ter lido em Gaspar Corrêa, tom. III, pag. 559, quando conta da viagem de Francisco Gouveia a Ormuz em 1534, para conferenciar com o gozil, o seguinte: «mandou a todos os navios por as proas em terra, e artilharia toda carregada, e prestes toda a gente, e elle sahio dos catures, que dos *esporões* saltavam em terra.»

Na celebre expedição ao Mar Vermelho em 1541, D. Estevão da Gama deu aos catures titulos de gloria, os mais subidos. Deixando em Massuah o grosso dos navios, seguiu com a fustalha para o norte, indo surgir na An-



Galé bastarda 1540

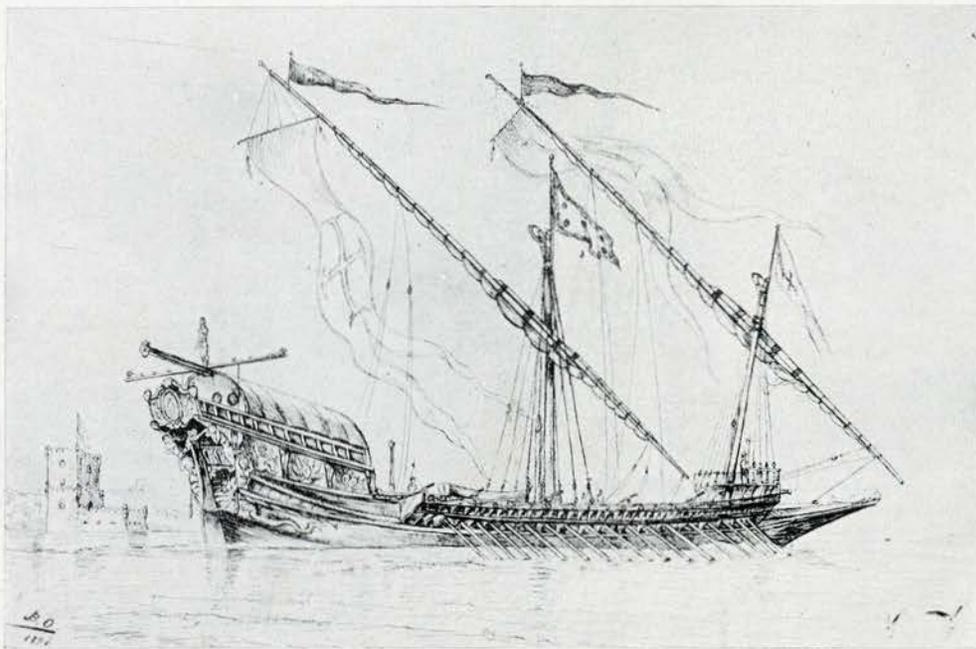
gra dos agravados e ali escolheu dezesseis catures para irem a Suez queimar as galés do Turco, á vista dos mamelucos e janizaros do sultão de Alexandria, a cuja guarda estavam confiadas. Angra dos agravados se ficou chamando á angra de que partiram, porque agravados em sua honra de cavalleiros se julgaram todos aquelles que o governador não escolhêra para a jornada.

Em fins de abril entrou D. Estevão em Suez, e os tres catures de D. João de Castro, D. Christovão da Gama, e Tristão de Atahyde chegaram a aproar á praia, onde estavam as galés, tentando o desembarque, ao que acudiu tanta cavallaria e gente de armas que não poderam realisar: o seu intento, por estar já a terra sob aviso, e ser perigo e erro manifesto. Bem quizera o governador seguir o feito se não fôra a opposição dos capitães, e só consentiu em dar volta, depois de lhe terem assignado e jurado aos evangelhos um publico instrumento declarando «que bem se podiam tornar com tanta honra como em chegar ali tinham ganhado, em dezesseis catures, e em ve-

tado, não tardou a libertar a praça e a lavar no sangue de inimigos a affronta recebida.

GALÉ. — A segunda metade do seculo XVI, e principio do XVII foi o periodo brilhante das galés. Navios longos, mais de remos do que de vela formaram a marinha propriamente de guerra, e no Mediterraneo feriram os combates que lhe deram importancia. Dividiam-se em *galés sutis* e *galés grossas*, differindo na relação do comprimento para a bôca e tonelagem. Nas *sutis* tinham as de Genova proximamente $\frac{1}{9}$, e as *grossas* $\frac{1}{8}$, segundo leio n'um contracto de 1454 entre Benedetto Pirio, e Ampegino de Staghieno, e apresentado por de Albertis no seu estudo *Arte de navigazione al tempo di Colombo*.

Necessitavam de grande numero de remadores, e ainda a nossos dias chegou o echo das miserias da chusma das galés, quando para armar multos barcos tiveram de acorrentar ao banco prisioneiros e captivos. Degradar para as galés foi pena dos codigos de justiça.



Galé Real do fim do seculo XVI

rem o cabo do Estreito do mar Roxo com tamanha offensa do Grão-Turco.»

N'esta viagem tinha D. Alvaro de Castro recebido em Toro as honras de cavalleiro. Aureos tempos eram estes de gloria; a tão longe chegára o braço e o esplendor da cavallaria.

Em 1543 soffria a praça de Diu o segundo cerco das forças de Cambaya e do Sultão. Coje Çofar, Rumeção e outros soldados agueridos, a quem não faltava valor e disciplina, e o auxilio de venezianos e slavos praticos na milicia, tinham quasi arrazados os muros da fortaleza, e tão aspero era o assedio, e tão espantosos os assaltos a que podiamos oppor fraco presidio, que já o mouro convidava os principes da India para assistirem ao ultimo assalto e á victoria, e mandava edificar nova cidade de custosa fabrica, para celebrar as honras do triumpho. Defendia valorosamente D. João de Mascarenhas tão pesado cerco, porém como via a guerra contingente, e os defensores já raros, doentes e abatidos, mandou a Goa ao governador com sollicitas rasões a implorar socorro.

O vigario João Coelho foi num catur a despeito do inverno que já rugia embravecido, e D. João de Castro com todo o poder do es-

Ainda vimos presos acorrentados cumprindo trabalhos publicos, todos lhe chamavam galés, e a galé já não existia ha muito tempo. Galé tambem significou prisão. O pateo da galé do arsenal era o presidio d'aquelles desgraçados, triste nome que recordava as miserias da chusma dos remeiros.

Pelas tâboas do *Roteiro de Goa a Diu* de D. João de Castro, e das *alguns logares da costa da India* existentes na bibliotheca da Universidade, e que parecem do mesmo auctor, pelos desenhos das *Lendas* de Corrêa podemos fazer juizo do que fossem as nossas galés no oriente. Não têm os primores das galés de André Doria e Barbarigo, são armas para a guerra e como taes rijamente construidas. A galé na India era de vinte e cinco a trinta remos por banda com tres homens a cada um.

Armadas todas de esporão ao extremo do longo e afilado beque, o tendal de ré onde vae a signa do capitão, é sempre adornado de vistoso toldo pintado com a cruz de Christo, ou com a esphera armillar de D. Manuel. As côres predominantes são a verde, vermelha e amarella, que tambem abundam nos pendões e galhardetes.

A *sutil* tem a meio um só mastro latino, e ás vezes á proa um



Galeão 1590

pequeno mastro com vela de pendão. As *grossas* são de tres mastros latinos, mas as mais vulgares têm o de proa quasi na rodã, de pouca guinda e com vela de pendão. Em combate o panno ferrava, e as vergas iam aos *palanques*, isto é, arriavam a ficar horisontaes. Nas vélas trazem pintadas as insignias da ordem a que pertencem.

As nossas *galés bastardas* partilhavam do aparelho redondo e do latino. Creio que mais propriamente assim se chamaria a que largava á proa um tanquete de gavea por cima do redondo ferrando na gavea como na *caravela redonda* cuja armação do mastro era semelhante.

Ha um magnifico desenho de uma *galé bastarda* apavezada no já citado mappa de Coimbra.

Ácerca da galé Aubin diz o seguinte: «é um navio de pequena tonelagem e que navega á vela e remo. Tem em geral 20 a 25 toezas de comprimento, 3 de bôca, e 1 de pontal. Têm dois mastros e duas vélas latinas. É artilhado com cinco peças a saber; duas bastardas, duas de pouco calibre, e uma de caça, que atira por cima do esporão com bala de 33 a 34 libras. Pôde arriar os mastros. As galés navegam quasi sempre terra a terra. Têm de vinte e cinco a trinta bancos, a cada um dos quaes cinco a seis remeiros

«Dividem-se em *sutis* ou ligeiras, e *bastardas* ou communs.

«Á medida de que em Provença se servem para construir galés se chama *gouéés*, cada uma de 3 palmos, cada um de 9 pollegadas.

«A galé é de 68 *gouéés* de comprimento, ou 22 toezas, bocca 3 toezas e 1½ de pontal.

«Nas guerras da Hollanda e Hespanha uzaram-se galés que podiam levar cem homens.

«A galé *sutil* tem a popa estreita e aguda, e é construida á antiga; a *bastarda* muito

uzada em França, tem a popa de painel. «*Gale real* é a principal do reino, onde vae o estandar-te do rei.»

GALIOTA. — Pouco differia da galé. Era de mais modestas dimensões, nunca excedia a 20 remos por banda, e todos para um só remeiro. Ligeirissima vogando a remos, podia auxiliar a marcha usando um ou dois mastros latinos. Foi da predilecção dos piratas berberescos.

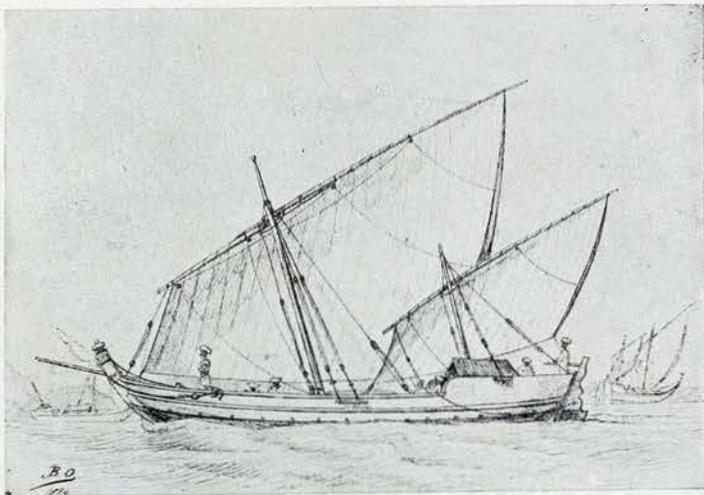
Ainda n'este seculo os *chavecos* argelinos e as *escapadias* de mouros davam a idéa do que fora no Mediterraneo a marinha de remos e latinos.

BRIGANTIM. — Figura um na batalha naval dos rumes, commandado por João da Nova. Destinado a levar ordens aos navios bem demonstra ser ligeiro. Era uma especie de pequeno aviso de esquadra de fraca tonelagem, armando dois mastros latinos, e vogando ao impulso de sete a oito remos a cada bordo. Muito parecido com a galé. ¼ parece ter sido a relação entre as duas principaes dimensões.

GALEAÇA. — «Navio que navega á vela e remos. Arma tres mastros latinos, os quaes não podem arriar como na galé. A galeaça é o maior de todos os navios de remo. Tem trinta e dois bancos com seis a sete forçados a cada remo. Tem á proa tres baterias, na de baixo duas peças de 35 libras de bala, a segunda duas peças de 24, e a terceira duas de 10. Na popa tem duas baterias de tres peças por banda, e cada

peça de 18. Estes navios egualam os maiores que andam no mar, e podem trazer mil e duzentos homens, e bem lhe podemos chamar verdadeiras fortalezas. E' d'elles que depende a sorte das batalhas, e por isso as de Veneza eram commandadas por fidalgos, que juravam não fugir de vinte e cinco galés inimigas. Em quanto uma peça atira vae a outra á bateria, para o que ha muitas rodas, e cadernaes alliviando o trabalho aos tripulantes.

TAFORÉA. — E' este o nome da nau destinada ao transporte de cavallos. Apparelhada como as naus redondas, talvez fosse de mais chão de caverna, e de divisões internas diferentes para a arrumação do gado que transportava. E' vulgar durante as guerras das praças de Africa mauritana, e até me consta de uma ter porta pela popa de



Nau do Indusião

onde armava uma ponte de 30 braças para terra, pela qual sahiam vinte cavalleiros de ponto em branco promptos a quebrar lanças contra os infieis. Pelo que se vê não é um mytho a cavallaria de marinha, e parece que prestava bom serviço.

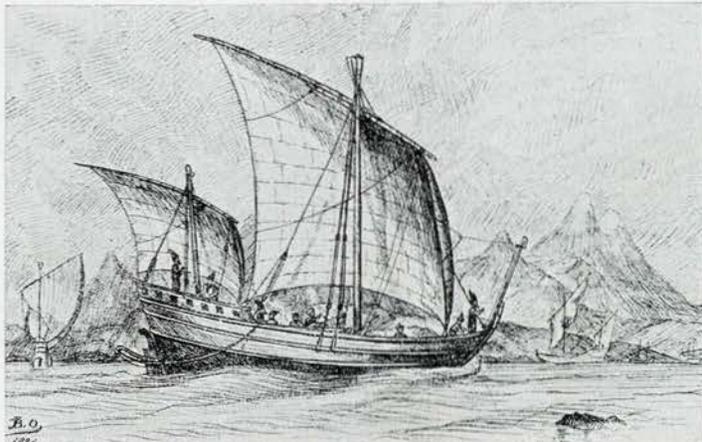
A mais notavel expedição a que as vejo destinadas, é a projectada pelo grande Affonso de Albuquerque. Os *Commentarios*, parte IV, capitulo VII dizem: «determinava levar quatrocentos cavallos em *taforéas* e desembarcar no porto de Liumbo, e correr a casa de Meca, e roubar todos os thesouros que havia n'ella, que eram muitos, e o corpo do seu mau propheta, e com elle se resgatar a Santa Casa de Jerusalem, empreza que se podia fazer a salvo, porque quando no Cairo se soubesse da entrada de Midina, já a nossa gente era tornada a Liumbo e embarcada».

GALEÃO. — Quando a nau cresceu de tonelagem para trazer ao reino grande carga; quando a tactica naval requereu augmentar o numero de peças em bateria no costado, foi por essa epocha que appareceu o galeão. Era quasi sempre de duas cobertas, e armado á proa de esporão diferente do da galé, porque sahia á altura do convez, mais saliente de que o beque, o qual era o prolongamento do castello. Variava o galeão desde os 100 tonéis como o *Piedade* até aos 1:000, como foi o *S. João Baptista* o *Botafogo*.

Os de menor tonelagem apparelhavam como as naus, os maiores traziam quatro mastros, os dois de vante redondos, e os de ré latinos.

Tendo crescido a mastreação não havia antenas que dessem os mastros inteiriços; assim appareceram os mastarés de gavea e de joanete, passaram os traquetes de gavea a ser gaves, e panno de reger, e já em alguns se vê verga de joanete, principalmente no mastro grande. O mastro da mesena tinha *gaf-top* de verga. Era uma vela latina parecida com a que no mastro se enfunava. A contra mesena ia caçar ao botoló. A' proa havia gurutep e cevadeira.

Galeão foi nome generico dos navios que os hespanhoes mandavam ás Indias occidentaes, sendo notavel entre todos o galeão de Acapulco pelas riquissimas cargas que trazia. Em Portugal tambem assim se chamou á grande nau da carreira da India, mas mais propriamente designava a nau grossa fortemente artilhada e construida para a guerra.



Gelve do Mar Vermelho

Ja em 1531 encontramos o *S. Matheus* de vinte e duas peças, como capitania da frota de Nuno da Cunha, bombardeando Diu, depois muitos outros na jornada de Tunis, na armada de D. Alvaro, e doze dos maiores, de que era capitania *S. Diniz*, com que a 17 de Outubro de 1546 D. João de Castro largou de Goa em socorro a Diu. Na invencivel armada ainda figuravam os galeões portuguezes, e o *S. Martinho*, e o *S. Matheus* eram dos melhores que andavam sobre as ondas. Resto de tamanho poder só salvámos o *S. Thiago* do commando de D. Manuel de Menezes, o melhor official da marinha d'esse tempo.

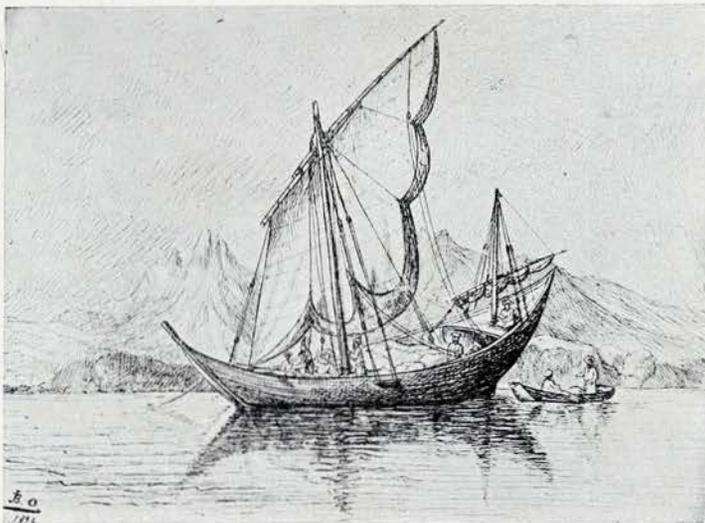
CARRACA. — Encontro esta palavra na carta da Villa do Infante de 19 de Setembro de 1460, dizendo: «que ao cabo de Sagres vinham e veem muitas *carracas* e outros navios pousar por não acharem tempo de viagem» o que me leva a crer, se referia a navios de commercio, que por não poderem com a nortada montar o cabo de S. Vicente, fundeavam na bahia á espera de abonancar o vento.

N'um livro de 1792 leio o seguinte acerca da carraca: «É o nome dado pelos portuguezes ás naus que mandam ao Brazil, e Indias orientaes. São os maiores navios redondos, com muito amassamento nas obras mortas, e alguns de sete e oito pavimentos podendo levar até dois mil homens. Agora já quasi ninguem as usa, mas tempos houve em que serviram para a guerra, e para a carga.

«Fizeram-se carracas de 2:000 toneis, isto é, de 4.000:000 de libras. Os cavalleiros de Rhodes tambem as tiveram na sua marinha. Têm os portuguezes por costume nas carracas que voltam da India queimar a lancha em Santa Helena, para que a equipagem perca a esperanca de abandonar o navio em caso de mau tempo.»

A carraca era de pouco pontal, e de balanço perigoso, facil de se virar, como aconteceu a nma na Aguada, que foi para o fundo ao largar panno. Não pensaram nas leis da estabilidade, e tendo arrumado por cima a carga de mais peso, como consequencia natural virou os mastros para o fundo,

Sendo consideravel o serviço que da marinha se requeria, na vastissima area por onde se desenvolvia o commercio e o dominio portuguez, de grande poder de barcos careciamos para satisfazer cabalmente a variadissimas commissões. Assim não deve causar surpresa a facilidade com que se aclimavam os nossos ma-



Terra da Arabe do Mar Roxo

rinheiros e soldados a utilisar as embarcações indigenas. A razão principal era a necessidade, por serem poucas as naus do reino, e as galés da marinha militar.

Um alteroso *junco* auxiliou Albuquerque na tomada da ponte de Malaca, n'um outro aportaram Antonio da Motta, Peixoto, e Zémoto ao Japão. As *gelvees* e *terradas* do mar Roxo e Sino Persico pelejam nas guerras contra Ormuz. Os *patamarins* do Indústão, os *paraós* do Malabar tambem serviram a altos feitos, e até á modesta *galveta* de Baçaim deu Antonio Moniz carta de nobreza.

Os navios do fim do seculo XV e XVI dizem os chronistas: «eram de pessimo governo, lentos e pesados na manobra, quasi semi-cylindros por baixo, de excessivo balancear, e de pouca segurança». Com o correr do tempo, e á custa da experiencia propria, pouco a pouco se foram modificando; porém, como é natural, não chegaram a ser perfectos. A nossa historia maritima está cheia de narrativas de naufragios. São elles devidos pela maior parte ao emprego de navios velhos em viagens longas, á cubiça de ganhar fazendo as embarcações mais baratas e peor seguras, e ao abuso da sobrecarga como querendo n'uma só campanha auferir lucros abundantes, correndo o risco de perda completa. Foi o que aconteceu; e é vulgar ler, terem os capitães de arrasas o castello, picar os masts, alijar a carga para resistir á tempestade. Ao findar o seculo XVI rara era a nau da Índia que podia com mais de duas viagens, emquanto as antigas tinham feito dez e doze. Para obviar a tanto mal, em 1570 determinou D. Sebastião que as naus da carreira da Asia não fossem superiores a 450 toneladas, mas sophismaram o regimento, e não podendo augmentar a capacidade do porão, cresceram o numero dos pavimentos.

Por isso quando appareceram na Índia os hollandezes e inglezes a disputar o nosso imperio, os nossos galeões estavam atrazados quasi um seculo em construcção, tactica naval e apparelho. Se tinham servido para combater os do seu tempo, os patamarins e naus dos malabares, agora era justo que fossem adormecer á sombra dos muros das fortalezas, e serem substituidos por novas construcções.

O patacho inglez, maravilha do tempo porque andava de bolina, foi um dos nossos inimigos poderoso.

Era, porém, ainda rijo o pulso dos soldados portuguezes, e em porfiados combates de lutar e salvar para a patria, larga partilha do immenso patrimonio, que para ella tinha conquistado o esforço dos nossos marinheiros.

Taes foram os meios materiaes com que comprehendemos e vamos a cabo a epopéa mais illustre, que se tem escripto nos modernos tempos. Uma nação pobre e esquecida nas ribas do mar occidental, á força de valor, patriotismo, e persistencia ascendeu a um dos primeiros logares entre as nações do mundo, e com a sua obra portentosa a bem da civilisação e da sciencia torna-se conhecida e celebrada.

Se com o decorrer dos annos, alquebradas e apodrecidas foram desapparecendo as naus com que tinhamos descoberto o mundo; se os naufragios, os corsarios, e os rivaes foram abalando a nossa influencia entre os povos mais remotos; se os proventos do commercio passaram a mãos de nações mais reflectidas; se da gigantesca obra de outras eras só resta, como dizem, a memoria e o echo das façanhas assombrosas; injusto é decerto quem desprezar as honradas tradições que nos legaram aquelles heroicos paladinos; quem assoberbado pelas luctas do presente não vir no que resta d'esse passado inimitavel, um raio de esperanza animando um futuro mais feliz.

Ao recordar a marinha portugueza do seculo XVI, a par com a saudade d'aquelles velhos tempos em que adquiriu tamanho esplendor, retempera-se o espirito para a lucta, acredita-se que Portugal ainda voltará a ser rico e poderoso.

